



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
LICENCIATURA EM TEATRO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A JORNADA DA ATRIZ NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UM VÍDEO-ENSAIO:
guia de sobrevivência para aventureiras(os) desavisadas(os)**

DISCENTE: GIOVANNA LEMOS LOPES

Santa Maria - RS
Janeiro de 2022

Giovanna Lemos Lopes

**A JORNADA DA ATRIZ NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UM VÍDEO-ENSAIO:
guia de sobrevivência para aventureiras(os) desavisadas(os)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Disciplina de TCC II do Curso de Licenciatura em
Teatro da Universidade Federal de Santa Maria,
como requisito para obtenção do Título de
Licenciada em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Berselli

Santa Maria - RS
Janeiro de 2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, aos meus pais que me apoiaram para chegar até aqui e que compraram essa briga junto comigo. Ao meu pai, agradeço pelos vários livros de artes, pelas contações de histórias tarde da noite, por ler *todos* os meus trabalhos da graduação, por todas as vezes que você sentou comigo para estudar, mesmo que eu esquecesse tudo na semana seguinte, obrigada. A minha mãe agradeço pelo exemplo que é, por tanta compreensão da minha individualidade, pelo deslocamento do Rio de Janeiro para Santa Maria sem pensar duas vezes, pelas dancinhas, risadas e caretas, por todos os panos de prato e *tupperwares* que sobreviveram aos cinco anos de minha graduação. Obrigada.

Agradeço à minha irmã Gabriella, por estar sempre me defendendo mesmo quando não há defesas. Agradeço também por ser tão diferente de mim e me mostrar um mundo novo de possibilidades. Ao meu irmão Tomás, que é meu companheiro e melhor amigo, por tantas noites de risadas jogando Gartic e me distraíndo do que tinha sido um dia muito difícil. Ao restante da minha família tão querida, que sempre foi interessada e preocupada com minha jornada, que acompanharam esses anos de graduação torcendo com afinco, obrigada.

Ao meu companheiro de aventuras, Felipe Vargas, que me acolheu tão longe de casa, que ouviu cada lamento e choradinhas, que escutou pacientemente todas as minhas reclamações. Agradeço por todas as vezes que você saiu para comprar chocolates, por todos os dias que você me ouviu repetir a mesma coisa quinze vezes como se fosse a primeira vez, por tudo e mais um monte. Nós sabemos.

Agradeço também a minha melhor amiga de longos 16 (ou 17?) anos, Ana Beatriz Chaves, que mesmo distante nunca se afastou demais. Obrigada por tantos ensinamentos, tantas conversas maravilhosas. Sou grata até hoje por ter escolhido sentar ao seu lado no primeiro dia de aula. Obrigada.

Minhas amigas de graduação, companheiras tão queridas que me mostraram novos mundos e perspectivas. Obrigada Evandro Luft, Leo Costa e Elisa Lemos.

À Flavia Grützmacher, agradeço por tudo. Tudo mesmo. Ela sabe, eu sei. Obrigada por estar comigo. Por tantas chamadas no *meet*, por tantas noites mal

dormidas, pelas reflexões, risadas, momentos, compartilhamentos, tensionamentos e questionamentos. Obrigada por ser minha amiga.

Às professoras Camila, Miriam e Fabiana pela disponibilidade em participar da banca avaliadora e compartilhar inventividades e conhecimentos. Agradeço pelas palavras de afeto e o tanto que me agregaram nessa viagem louca.

Por fim, agradeço à minha orientadora, por comprar tantas ideias insanas e acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei. Obrigada pelos comentários ao longo deste trabalho. Obrigada por todo o empenho, por ser esse exemplo de professora.

Menções honrosas ao meu gato e suas participações pertinentes em reuniões à distância, minha psicóloga, presente sem tardar toda terça feira e a Liv, meu alterego e fonte de tantas inspirações.

RESUMO

A JORNADA DA ATRIZ NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE UM VÍDEO-ENSAIO: guia de sobrevivência para aventureiras(os) desavisadas(os)

AUTORA: Giovanna Lemos Lopes
ORIENTADORA: Marcia Berselli

O trabalho é escrito em forma de narrativa da Jornada da Heroína, em uma escrita que ora é apresentada pela autora, ora pela personagem por ela criada e apresenta estratégias desenvolvidas pela atriz no processo de criação do vídeo-ensaio “Nos teus caracóis lilás”. São apresentadas as etapas de criação, contextualizando as referências que embasaram a investigação empírica e o estudo teórico. Nesse sentido, John Bresland (2012), Jorge Dubatti (2015 e 2021) e Cecília Almeida Salles (1998) são os principais referenciais teóricos utilizados. Diversas obras literárias e de ficção são mencionadas ao longo do texto, direta ou indiretamente, por meio de referências que atravessam o processo de criação e a vida da autora.

Palavras-Chave: Teatro. Vídeo-ensaio. Processo de criação. Jornada da heroína.

ABSTRACT

THE ACTRESS' JOURNEY IN THE PROCESS OF A VIDEO-ESSAY CREATION: a survival guide for unsuspecting adventurers

The thesis is written in the Hero Journey narrative, half presented by the author and half narrated by the character created by her. It includes strategies developed by the actress in the process of the video-essay "Nos teus caracóis lilás". In the following study it is presented the stages of creation, contextualising references that support empirical and theoretical investigations. The main theoretical scholars used as a reference are John Bresland (2012), Jorge Dubatti (2015 and 2021) and Cecília Almeida Salles (1998). Several other literary and fictional works are mentioned throughout the text, in a direct or in an indirect way, through references about the creation process and the authors' life.

Keywords: Theater. Video essay. Creation process. The Hero's Journey.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Dramaturgia, registro da pesquisadora.....	36
---	----

SUMÁRIO

SERÁ QUE É DE BOM TOM COMEÇAR COM “ERA UMA VEZ”?	9
A JORNADA DA HEROÍNA: UMA JOVEM, UM ELEFANTE E UM GATO	16
Na terra das Coisas Desimportantes existia um ímpeto	21
em um mundo comum.....	21
o chamado à aventura.....	24
a recusa do chamado.....	27
Em letras garrafais e amigáveis: NÃO ENTRE EM PÂNICO	30
encontro com a mentora.....	30
travessia do primeiro limiar.....	33
testes, aliados e inimigos.....	37
Sob o vale do medo não temerei mal algum pois Hades estará comigo	42
aproximação da caverna oculta.....	42
a provação.....	46
a recompensa.....	49
O momento exato em que a Zé Ninguém vira uma Zé Alguma Coisa	52
a volta para a casa.....	52
a ressurreição.....	54
o retorno com o elixir.....	59
CONCLUSÃO	64
E DEPOIS QUE NÃO HÁ MAIS NADA A DIZER	66

SERÁ QUE É DE BOM TOM COMEÇAR COM “ERA UMA VEZ”?

Quando digo a palavra “cadeira” muitas imagens podem ser formadas: cadeiras de balanço, cadeirinhas de bebê, cadeiras de cinema, cadeiras de escritório, de madeira, de plástico, de metal... e nenhuma delas é considerada uma cadeira errada. A cadeira errada será tudo aquilo que não for cadeira, como elefantes. Elefantes não são cadeiras. Elefantes são elefantes. Se eu disser “cadeira” dificilmente você imaginará um elefante, pois isso nada tem a ver com cadeira.

Mas existe aquele momento... aquele pequeno espaço na existência do universo em que cadeiras podem ser elefantes: quando as crianças brincam.

É quando elas roubam uma cadeira da cozinha e teleportam-se para a África, ou para o meio do parque da cidade (porque não?). É aquele momento em que ela decide que andar de cavalo é muito chato, e que se pudesse ela teria um elefante, mas é impossível ter um elefante dentro de casa pois elefantes são muito grandes, muito pesados e fazem muito barulho. Mas sabe o que não é tudo isso? Cadeiras. Cadeiras são simples, são acessíveis e em um curto espaço de tempo, podem ser elefantes.

Seguindo...

Se pedirmos para uma criança desenhar um gato, talvez ela faça um gato peludo, um gato magrelo ou um gato gordinho. Talvez faça ele dormindo, brincando ou de pé. Talvez faça ele com um brinquedo, um peixe na boca ou um lacinho no pescoço. Alguns podem fazer um gato preto, cinza ou amarelo e alguns ousados farão gatos roxos, azuis ou rosa. Alguns podem fazê-lo com três olhos, dois rabos e seis patas. Mas enfim, um gato foi desenhado.

A questão é... em que momento pintar o gato de roxo, azul ou rosa passa a ser estranho? Em que momento passa a existir o preciosismo da quantidade de rabos, olhos ou patas?

Claro que antes de ser um elefante, uma cadeira ainda é uma cadeira. Claro que antes do gato ser roxo, ele tem quatro patas e apenas um rabo mas... se em um curto espaço de tempo uma cadeira pode ser um elefante, em que momento ela não pode mais?

Enfim, este não é um trabalho sobre cadeiras, elefantes e gatos multicoloridos. É sobre possibilidade. Sobre a (re)descoberta de coisas fantásticas e a lembrança do olhar singelo. É sobre diálogos com a infância (minha infância) e o resgate da possibilidade de cadeiras serem elefantes.

Ah, e se eu ainda não te convenci, saiba que teremos gatos escudeiros, monstros barulhentos e adversários impiedosos. Mas segura a emoção que primeiro eu preciso introduzir o assunto.

A escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso é um momento enormemente aguardado, um período de decisões difíceis. Salomon (1994) coloca que a escolha do assunto é “[...] preferir de acordo com as próprias inclinações e possibilidades uma questão em meio a tantas que surgem no âmbito de cada objeto científico” (SALOMON, 1994, p. 191). O que só me leva a crer que a pluralidade dos interesses já é um pressuposto que antecede a pesquisa de todo pesquisador. Comigo não foi diferente.

Sou aquele tipo de pessoa que categorizava minha trajetória acadêmica como assertiva. Entrei sabendo o que queria para o futuro, tracei meu aprendizado em torno disso, e, no tão aguardado momento de escolher um tema para a pesquisa de TCC um enorme “e aí?” pairou em minha mente.

Após um longo período de dúvidas, cheguei para minha orientadora (professora Dra. Marcia Berselli) e despejei tudo em uma das atividades propostas no *Moodle*¹ - plataforma utilizada constantemente no contexto pandêmico. De um jeito ou de outro, ela conseguiu me entender e dar uma luz sobre o que eu poderia fazer para desatar o grande nó que eu mesma criei: "Começa lá na frente e vai voltando. Onde você quer chegar?". Notei que o problema que enfrentava era maior do que eu: a tola tentativa de agarrar o mundo com as mãos.

Acho que este é um bom momento para adiantar que não aprendi absolutamente nada sobre não tentar agarrar o mundo com as mãos. Esse é o meu jeitinho, entendeu? Eu me esqueço de que sou apenas uma pessoa e um milhão de sonhos...

Ai ai...

¹ Sigla em inglês para *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*. A plataforma Moodle é como uma sala de aula online em que professores disponibilizam materiais didáticos e propõem tarefas (como provas, testes, atividades, discussões, etc). Para os alunos, há a facilidade da troca de conhecimento e diferentes arquivos.

Mas eu já estou em terapia, então tudo bem.

Na busca de tentar condensar minhas inúmeras questões em uma única pergunta motivadora, cheguei à questão central desta pesquisa “Quais as estratégias desenvolvidas pela atriz no processo de criação de um vídeo-ensaio em ambiente virtual?”, sendo que o objetivo geral se concentra na narrativa da heroína (a qual vou discorrer muito em breve) e investigação dessas estratégias. Para isso, busquei mapear as principais referências: livros, filmes, peças teatrais, músicas, imagens, histórias, realizando a cartografia artístico-científica (HOLANDA, 2019); estudar referências teóricas sobre o processo de criação em ambiente virtual; registrar em diários e relatórios o processo de criação da atriz (desde a escolha das referências até o momento de confecção do vídeo-ensaio); desenvolver o processo de criação e proceder à análise dos dados levantados durante o processo de criação; gravar e editar o vídeo-ensaio e, por fim, compartilhá-lo com o público².

Falando tão sucintamente, tenho a sensação de que posso estar transmitindo a ideia de que foi tudo muito simples, que derramei duas lágrimas peroladas e apareceu uma fada madrinha, entregando-me um vestido de cetim, sapatinhos de cristal, e uma carruagem cravejada de diamantes mas infelizmente não foi assim. Ganhei, no máximo, uma belíssima luva ortopédica, advinda de uma tendinite indesejada após dias de trabalho duro. Talvez esteja chegando uma dor nas costas, mas não quero falar sobre isso.

É... não foi fácil.

Pensando previamente na possibilidade de me deparar com tais infortúnios, busquei uma metodologia que comportasse o caráter pessoal que tanto ambicionei desde o início da pesquisa, na escolha das referências. E constatei que o estudo de caso poderia ser de maior serventia pois

Consiste no estudo de um ou poucos objetos, de maneira que permite seu amplo e detalhado conhecimento [...]. Propósitos: (a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos, [...] (c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação. (GIL, 2002, p.54)

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, iniciei com o estudo de referenciais teóricos que abordam o tema que pretendia seguir, a partir de meus três descritores: processo de criação, vídeo-ensaio e contexto remoto. Paralelo a isso,

² **Nos teus caracóis lilases.** Youtube, 20 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JgXQY33DT6M&t=526s>>

fiz o mapeamento de referências artísticas-criativas que fariam ou não parte do processo e da concepção artística. O intuito aqui foi identificar o que de mim há nessas referências e como elas relacionam o meu fazer criativo: de onde parto, como elaboro e o que sairá disso.

Liv: Eu sempre estive aqui, sabia?

Giovanna: Como assim?

Liv: Nessas suas referências, eu estava ali mesmo nessa fase, quando você convenientemente fingiu que eu não existia.

Giovanna: Tá, tá... desculpa! Eu achei que tinha que ser séria no trabalho de conclusão.

Liv: E quando vai ser minha vez de falar?

Giovanna: Já tá chegando.

Adiantando um pouco o que falarei a seguir, me surpreendi comigo mesma o tempo todo durante o processo, mas em especial com a resignificação das referências. Como eu imaginava e como se materializaram no fim. Achei, primeiramente, que as referências seriam de caráter mais visual, como forma de inspiração para a estética do projeto (aqui, em estética cito todo o contexto: textual, imagético, narrativo, etc). Porém, o que me deparei foi uma relação da minha interpretação pessoal das referências e como elas me amparam enquanto artista, pesquisadora, professora, aluna, pessoa, etc. Essa grande sopa de letrinhas que nem todo mundo gosta, mas é divertida de olhar e tentar buscar significado em palavras inexistentes ao vocabulário comum.

No entanto, não considero este um ponto de ruptura da pesquisa, e sim, uma (re)descoberta de caminhos. Afinal, desde que projetei este trabalho, sabia que estava apostando alto em três descritores: processo de criação, vídeo-ensaio e ambiente virtual. Para unir as relíquias da morte³ que eu fiz o favor de criar, utilizei de três referenciais primordiais: o pesquisador John Bresland (2012), radialista,

³ Referência a saga de livros Harry Potter, de JK Rowling.

videomaker, jornalista e ensaísta para o descritor de vídeo-ensaio; Jorge Dubatti (2015 e 2021), pesquisador e filósofo teatral, para o descritor de ambiente virtual, especificamente pensando o campo do teatro, e, por fim, a linguista Cecília Almeida Salles (1998) para o conceito de processo de criação.

Os dois primeiros referenciais (Bresland e Dubatti) foram de crucial relevância na escrita do projeto, pois me alicerçaram nos primeiros passos e auxiliaram na compreensão do processo e o desenvolvimento mais independente de consultas constantes para o entendimento de vídeo-ensaio e tecnovívio. Já o terceiro (Salles) seguiu comigo lado a lado do início ao fim, servindo-me de orientação para momentos de desamparo e auxiliando na escrita do trabalho final de modo a efetivamente compreender os meandros do processo de criação, identificando minhas estratégias e sabendo melhor lidar com o imprevisível.

Bresland (2012) me auxiliou a compreender que o vídeo-ensaio é uma “nova forma de não-ficção criativa”⁴ (BRESLAND, 2012, p.181, trad. nossa). Em que o artista/pesquisador encontra um meio de transmitir uma ideia, conceito ou conhecimento sobre determinado assunto de modo que ainda possa explorar sua criatividade, preocupando-se em fazer mais perguntas e pouco obrigando-se a responder a todas. E “essa pergunta - seja ela inscrita em lama ancestral, impressa em papel ou transmitida a trinta quadros por segundo - é central para o ensaio, é o ensaio.”⁵ (BRESLAND, 2012, p.181, trad. nossa). Já Dubatti (2015, 2021), por sua vez, me amparou no entendimento de que o tecnovívio não existe para que o convívio fique obsoleto ou ultrapassado; o convívio, por outro lado, não é “A” maneira “certa” de fazer teatro e pode abrir espaço para outras convivências (remotas ou não). Ainda diz que “o convívio não é o estágio de ‘macaco’ e o tecnovívio o do ‘Homo Sapiens’. Ridículo, darwinismo insustentável.” (DUBATTI, 2021, p. 263). E compreendi que seu pensamento sobre convívio, diferenciado do tecnovívio, é uma ferramenta importante para discutir acerca de híbridos de linguagens artísticas, entre o teatro e o audiovisual, que proliferaram abundantemente durante a pandemia.

Ressalto que a principal motivação que encontrei em juntar três descritores tão distintos em um único trabalho foi a possibilidade de expressar minhas ideias de

⁴Original: “a new form of creative nonfiction”

⁵ Original: “That asking—whether inscribed in ancient mud, printed on paper, or streamed thirty frames per second—is central to the essay, is the essay”.

maneira simplificada, artística, mantendo o distanciamento social⁶. Para isso, o conteúdo deveria ser produzido inteiramente autônomo (gravei com meu próprio celular, editei com meu próprio computador e postei em meu próprio canal do *YouTube* e *Instagram*), facilitando, assim, os meios de divulgação em contexto de isolamento social. Ambicionei que essa pesquisa sirva como inspiração para o uso de tecnologias digitais para além do isolamento social, e que os leitores possam utilizar o vídeo-ensaio como *mais um* método de criação.

A segunda motivação era que minha pesquisa pudesse vir a contribuir como um referencial diferenciado, no que diz respeito ao teatro em tempos de pandemia e isolamento social. Nesse sentido, ainda que eu não aborde o contexto de isolamento de modo mais aprofundado, foi nesse contexto, atravessada por ele e lidando com suas restrições, que desenvolvi o processo de criação aqui apresentado. Assim, há o registro histórico dessa criação que foi desenvolvida neste período específico.

Por fim, objetivei relatar as estratégias como opções possíveis, baseadas no meu relato pessoal e em minha experiência: o que funcionou e o que não funcionou, expectativas e realidade, limitações e soluções encontradas, a fim de ambientar os futuros interessados nesse tipo de conteúdo.

Dito isso, os arcos dessa história dividem-se em quatro partes igualmente importantes: o início, quando tudo era confortável e a possibilidade pulsava fresca e despreocupada; o deslocamento, em que iniciei a travessia aventureira, lar de trilhas sonoras épicas, poucas desavenças e muitas conquistas; a batalha épica, que esperamos pacientemente durante toda a história; e, finalmente, o fim, quando retornamos ao começo e ainda tudo parece diferente.



⁶ Desde o ano de 2019, o mundo enfrenta uma pandemia, que impiedosamente invadiu a casa de milhões de pessoas nos mais diferentes contextos, classes sociais, econômicas, faixa etária ou relevância social. A solução encontrada foi o distanciamento físico para que tudo pudesse voltar ao normal o mais rápido possível. Prometeram-nos duas semanas, que rapidamente tornaram-se meses e que agora completamos dois anos do que achávamos que seria um rápido afastamento presencial. Felizmente, com o passar do tempo, a vacinação (lentamente) foi ocorrendo de forma que me senti particularmente mais segura para retornar às ruas e gravar algumas cenas fora de casa. Mas, ainda assim, a motivação inicial permaneceu a mesma: evitar aglomerações e permanecer em distanciamento social.

Comentário da Liv:

Após esta longa introdução academicista, convido você, leitora, a relaxar, pois agora adentraremos em uma grandíssima aventura. O que você vai ler agora é a narrativa de uma jovem que tem sonhos, que ambiciona vivenciar momentos de ludicidade em cada oportunidade, por mais improvável que ela seja (como agora).

Talvez você se espante com as referências, mas considere este um estímulo para desbravar as páginas seguintes. A se deleitar com o extraordinário, e acomodar-se no surpreendente. Navegar em um rio de referências alheias nem sempre é a tarefa mais simples a se fazer, mas nos esforçaremos (eu e Giovanna) a cada segundo para que a nossa experiência seja a mais prazerosa possível. Na dúvida, pegue um colete salva vidas.

Mas, se você é do tipo que gosta de histórias de marinheiros ou de grandes heroínas lutando contra monstros e contornando adversidades, convido-as a imaginar que está em um bar (ou uma taberna) escutando uma história de alguém que de tanto se perder, encontrou-se no inesperado.

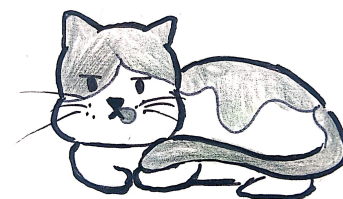
A JORNADA DA HEROÍNA: UMA JOVEM, UM ELEFANTE E UM GATO

Se vocês se interessam por histórias com final feliz, é melhor ler algum outro livro. Vou avisando, porque este é um livro que não tem de jeito nenhum um final feliz, como também não tem de jeito nenhum um começo feliz, e em que os acontecimentos felizes no miolo da história são pouquíssimos. [...] Lamento ter que dizer isso a vocês, mas o enredo é assim, fazer o quê? (SNICKET, 2001, p.9)

A citação acima foi escolhida não por acaso. A primeira explicação: essa jornada que vou lhes contar é dolorida para mim em tantos sentidos quanto minha terapeuta pode confirmar. Não cabe aqui desenvolver este assunto, mas achei que a pertinência das palavras de Snicket (2001) se faria maior do que quaisquer outras que tente usar para introduzir este escrito. Em segundo, não conseguiria descrever como o autor tão enormes desventuras, então vamos dar nome aos bois e credibilizar aqueles que conseguiram expressar tão bem pensamentos de terceiros. Que, nesse caso, são meus.

Hoje contarei uma história. Uma aventura épica. Tão épica quanto pode ser uma aventura de uma jovem confinada em seu quarto, sentada no seu belíssimo elefante preto, que agora apelido carinhosamente de “cadeira”. Uma jovem confinada - porém não sozinha! - com seu fiel escudeiro Hades, Deus das profundezas do submundo (meu gato).

Grandes histórias carregam grandes enredos. E para isso, existiram pessoas que desenvolveram explicações e condensaram em livros como podemos identificar cada um dos arcos dramáticos que compõem uma história épica.



No livro *O herói de mil faces*, Joseph Campbell (1949) usa o termo monomito para descrever um modelo cíclico encontrado em mitos e histórias. Posteriormente, esse conceito foi adaptado pelo roteirista Christopher Vogler para o que conhecemos popularmente nos dias atuais como “Jornada do Herói”, que posteriormente foi esmiuçada em seu livro *A jornada do escritor*, publicado originalmente em 1998. Fundamentalmente, a Jornada tem 12 passos (VOGLER, 2006), que consistem em:

1. O mundo comum

É onde a heroína se encontra em primeiro lugar. No conforto de sua casa, vivendo o cotidiano... é aqui onde o público irá se relacionar com a vida comum e mundana da protagonista. Em que ficará evidente características como medos, forças e fraquezas.

2. O chamado à aventura

Quando a heroína é convocada a adentrar em uma aventura, que pode ser desde um deslocamento físico do lugar onde está até uma provação social ou psicológica. É o momento que a história obrigará a personagem a experimentar coisas novas, que sejam desafiadoras.

3. Recusa do chamado

O problema do herói, agora, passa a ser como ele irá responder ao Chamado. Ponha-se na situação dele e verá que é um momento difícil. Estão lhe pedindo que responda "sim" a uma grande incógnita, a uma aventura que vai ser emocionante, mas também perigosa, e que pode ameaçar sua vida. De outra forma, não seria uma aventura de verdade. Você está diante de um limiar de medo, e uma reação compreensível é hesitar, ou mesmo recusar o Chamado. (VOGLER, 2006, p.115)

Como é de se esperar, nem sempre estamos preparados para uma nova jornada. Nesse momento, a heroína hesita em seguir o chamado. Encarar seu destino. Nesse ponto pode ser que seus motivos sejam diversos: que se sinta incapaz para cumprir a jornada com êxito, por ter receio de deixar o mundo comum, por duvidar de suas capacidades... pode variar.

4. Encontro com o mentor

Para dar um incentivo a nossa heroína, deve haver um mentor que será a peça chave responsável pelo incentivo e movimentação da nossa personagem. Em histórias fantásticas, não é incomum que nesse momento a protagonista receba algum item mágico ou especial que irá auxiliar sua jornada.

5. Travessia do primeiro limiar

Depois do incentivo do mentor, chegou a hora do “deslocamento” da nossa protagonista: seja ele físico ou simbólico, sendo que a importância real é fazer com que nossa heroína saia do mundo comum. Que ela entre em contato com alguma situação que não seja cotidiana para ela.

6. Testes, aliados e inimigos

Esse é o momento da história em que pequenos testes são oferecidos à heroína. É quando ela encontra seus aliados e amigos, pessoas com quem ela pode contar. Também é o momento em que se deparará com inimigos e antagonistas, pessoas que poderão prejudicar, atrasar ou ir contra a aventura da nossa personagem.

7. Aproximação da Caverna Oculta

Esse é um ponto de tensão silencioso da história. É o momento em que a heroína se recolhe aos seus pensamentos e reflexões. Que se depara mais uma vez diante dos medos que a impediram de iniciar a aventura, em primeiro lugar. É um aviso que o real desafio se aproxima.

8. A provação

Aqui é o momento em que a protagonista enfrenta pela primeira vez o antagonista frente a frente. Nesse ponto ela demonstrará as habilidades que aprendeu, enfrentará seus medos e, por fim, vencerá aquele que estava destinado a enfrentar desde o início.

9. A recompensa

Pode ser física (como um objeto, um troféu, etc) ou amadurecimento emocional, mas é a representação de que a heroína se tornou uma pessoa mais forte.

10. O caminho de volta

Um momento reflexivo da protagonista. Nessa altura, não há perigos para a personagem. O sentimento que paira no ar é o de missão cumprida.

11. A ressurreição

Tem esse nome por representar a morte da protagonista na história. É nesse ponto em que o antagonista volta, quando ninguém mais estava esperando e pode até matar a heroína. Porém mais uma vez ela derrota o inimigo - dessa vez definitivamente - e renasce para uma nova vida, totalmente transformada.

12. O retorno com o elixir

É o reconhecimento da heroína. Aqueles que não acreditavam nela passam a acreditar e respeitá-la. Também é o autorreconhecimento da personagem de que as coisas nunca mais serão as mesmas: nem quem ela era antes da jornada, nem quem todos estimam que ela seja. É o que é chamado de “o herói de dois mundos”.

“Mas por que você está me falando isso, Giovanna?” Eu te digo porque.

Veja bem... eu tenho um sonho. Um sonho difícil - porém não improvável, dependendo de suas crenças - que minha história fosse escrita por ninguém menos que Douglas Adams, autor do livro “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, que tenho grandíssimo apreço. Porém, infelizmente, ele já não se encontra mais entre nós. Foi viver em outras atmosferas - talvez abduzido por alienígenas, vai saber.

Visto que este meu sonho beira ao impossível, opto por escrever minha própria história. Quem sabe um dia eu encontre meu ídolo postumamente, o convide para tomar um café. Ou eu o encontre agora mesmo, talvez enquanto você me lê eu já esteja com meu ídolo em outro universo. E ele me diga, agora ou no futuro, que escrever minha história seria uma grande perda de tempo. Ainda assim, seria incrível.

A questão é que para mim, não é. Escrever minha história em forma de jornada épica (ou em narrativa, como preferir chamar) é “um convite para que me acompanhem na Jornada de um Escritor, uma missão de descoberta para explorar e mapear os limites fugidios entre o mito e a narrativa moderna de histórias” (VOGLER, 2006, p.26).

Estava pensando em meu processo de criação e notei como consigo dividi-lo em quatro arcos narrativos. E não apenas isso, como noto a semelhança da Jornada do Herói com a minha própria jornada. Apesar de não estar batalhando com dragões, derrotando bruxos malignos ou conquistando artefatos mágicos,

percebo meu processo de criação como uma incrível jornada e, como não poderia deixar de ser... eu sou a heroína dela sim, tá bom?!

Deixa eu sonhar um pouco...

Sonho ou não, meu objetivo em contar essa história é possivelmente auxiliar os aventureiros que virão, a compreender as artimanhas que podem ocorrer em um processo criativo. Neste trabalho, você irá se deparar com estratégias dos mais variados tipos, de como sobreviver na natureza selvagem do processo criativo, que entramos ingenuamente de cabeça sem ter como nos prepararmos completamente para o que há de vir pela frente. E nos deparamos com “uma aura que mais mitifica do que explica esse engenhoso labirinto da mente humana” (SALLES, 1998, p. 12). Caímos em nossas próprias armadilhas. Nos perdemos no labirinto que criamos sem nos preocuparmos em jogar migalhas de pão para retornar. E, quando já estamos perdidos o suficiente buscamos por

[...] explicações simplistas que poderosamente transformam o labirinto em uma trajetória linear, que não apresenta nem sequer pequenas curvas, que guardem alguma espécie de mistério: distorcendo a complexa lógica que envolve o ato criador. (SALLES, 1998, p. 12)

Sem nos dar conta, romantizamos o imprevisível e caímos nas garras do “e agora?”, e aí pronto... você se perde no labirinto.

Mas para você, nova aventureira, que chega nesse processo desconhecido, não tema. Você verá que a informação pode ser uma fiel aliada. Verá que por mais que eu não possa lhe dar de mãos beijadas o mapa de meu labirinto, posso tentar ajudá-lo com aquele que você criou. Dar algumas pistas de situações genéricas e torcer para que sejam as mesmas que as suas.

Ou não.

Quem sabe este trabalho só sirva para ser uma boa história.

Sem mais delongas, comecemos...

Na terra das Coisas Desimportantes existia um ímpeto

em um mundo comum

Em um mundo comum, na vivência de coisas desimportantes para a história do universo... existia uma jovem. A jovem que hoje narra essa aventura para vocês, leitoras. A jovem que talvez tenha uma autoestima baixa para se achar tão ordinária no mundo mas ainda assim permanece lutando para contar a sua história... sim! Sou eu quem vos fala: a dona e proprietária deste trabalho de conclusão de curso que agora paira em suas adoráveis mãos.

Se você chegou até esse escrito, algo pode ter dado muito errado ou muito certo, dependendo do ponto de vista. Esta é uma narrativa para aqueles que têm estômago forte. Perseverança. Para aqueles que necessitam de motivação para tirar o sentador da cadeira e iniciar a sua épica aventura. Essa foi a minha.

Espero que essa jornada sirva para você, aventureira. Leve este escrito consigo, como um guia, como um manual, como um livro de piadas se assim te servir... ou guarde-o somente em pensamento, para quando quiser repassar para alguma alma perdida que paira no desconhecido da vida acadêmica em busca do imprevisto. Ah, o imprevisto... lar de tantas possibilidades.

Anseio que lhe sirva de qualquer maneira, e que os procedimentos que eu vier a citar aqui possam ser de grande valia para sua jornada, assim como foram para a minha. Para tanto, quem sabe você não precise enfrentar as mesmas adversidades que eu, portanto apenas relaxe.

Enfim, minha jornada começou antes mesmo dela se efetivar. Aconteceu na escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso, em que a cada linha nova digitada na escrita do projeto as falas de Alice ecoavam em minha mente “Caindo, caindo, caindo. A queda não terminaria nunca?” (CARROL, 2010, p. 15). Senti que estava me jogando nesse poço sem fundo, mas como Alice, não senti medo. Estava curtindo a queda.

Levava comigo um caderno. Daqueles bons de confiar, que não tardam na disponibilidade do registro, que estão ali para o que der e vier. Posteriormente encontrei outros meios, outros artefatos que me ajudaram na empreitada.

Bem, sem querer enfiar a carroça na frente dos bois, vamos por partes.

Ainda que sentisse uma agitação no ar, um pressentimento de que a jornada estaria começando, estava confortável apenas escrevendo, imaginando. Criando e recriando mundos e fundos de oportunidades, promessas e mandingas das mais variadas. Atribui sentido ao inexplicável, justifiquei o insustentável, me apoiei no impossível...

Confabular é sempre mais fácil do que fazer. O mundo das ideias é mais bonito e mais interessante do que o mundo real. Foi Platão que disse que a ignorância é uma benção⁷?

Liv: Não, não foi.



Dei início ao trabalho bem cedo. Acho que antes mesmo de entender sobre o que ele seria, me apressei em começar logo. Desde sempre senti o encosto do tempo perturbando minha paz de espírito - que posteriormente foi justificativa para uma corrida e afobação desnecessárias, mas quando for oportuno, irei falar sobre.

Quando ainda estava perdida por onde começar, li a tese de George Rocha Holanda (2019), com a qual me identifiquei prontamente. Holanda teve os mesmos conflitos que eu, sentindo-se perdido sobre o que escolher e quais assuntos abordar para a criação de sua obra. A fim de desenvolver um conteúdo inteiramente autoral, o pesquisador solucionou esse problema da seguinte maneira:

Sem ter clareza sobre que partes escolher, realizei um trabalho de mapeamento de mim mesmo, que entendi como uma cartografia artístico-afetiva. Comecei a fazer um levantamento de livros, filmes, imagens, músicas, lembranças, objetos, desejos, histórias... Tudo isso me rendeu uma longa lista de itens. A ideia seria revisitar todas essas obras e tentar identificar nelas o que de mim entendia haver ali. (HOLANDA, 2019, p.21)

Da mesma forma que bebi de fontes mais experientes que as minhas para a criação de um conteúdo autoral, agora me encontro produzindo algo muito semelhante. Que ironia.

Pois bem, a primeira estratégia que eu identifiquei como necessária foi realizar o que Holanda chama de “mapeamento” de minhas referências. Não tardei a identificar que muitas (quase todas) tinham a ver com o universo infantil. Histórias, causos, filmes, livros, momentos, criações... todas elas tinham pelo menos um dos dois itens em comum: ou eram relacionadas diretamente com a minha infância, ou foram concebidas a partir de conteúdos tidos como “infantis”.

Esta é uma informação relevante pois a Liv, segunda voz que aqui narra este trabalho, faz parte de muitas dessas referências e relações que tenho com a infância. Mas... a apresentação dela ainda é muito breve. Alguns mistérios devem

⁷ Referência ao mito da caverna, do filósofo grego Platão.

ser preservados para o deleite do suspense e morada de todas as incógnitas realmente instigantes.

Enfim, para o levantamento de tais referências que me fizeram chegar a essa conclusão utilizei de registros em diários de atriz. Compreendi, logo de início, que o mapeamento dessas referências se faz tão crucial quanto o registro do processo, e, por isso, seguindo o exemplo de Colla (2006) e seus diários, que fiz esse acompanhamento de todo o processo de criação em meus diários de autora/atriz/encenadora.

Neles fazia anotações de absolutamente tudo: as referências e a justificativa para cada uma delas, minhas angústias, meus entraves, momentos de bloqueio criativo e pequenas conquistas. Tudo isso será desvelado em seu devido tempo, espaço e lugar. Por enquanto, vou continuar a história.



o chamado à aventura

A faísca que tive para iniciar o mapeamento de minhas referências desapareceu logo, e deu lugar a dias infrutíferos que se arrastaram lenta e esporadicamente por grande parte do processo criativo. O fogo do fazer estava sempre presente, brilhando fraquinho, e a escuridão do "desimaginativo" tomava conta de todas as coisas.

Atribuo isso ao momento de iniciar uma aventura, que sempre dá um frio na barriga. Ainda que eu mesma tivesse comprado essa briga este foi o momento de me perguntar: será que estava em condições? Haveria alguém colocado algo em minha bebida? QUERO FALAR COM O TABERNEIRO! - gritava para as paredes, ouvindo nada mais que uma espécie de resmungo de miado vindo de meu gato, largado no canto do quarto. As desculpas haviam acabado: eu tinha de começar a criar.

Quando as coisas começaram efetivamente a se complicar? Eu havia tecido esse aramado de ideias em que eu estava deitada, mas agora... como sair dele? A criatividade, o ímpeto, o desafio me convocavam para a tentativa mas... o que fazer?

Era como uma voz incessante que me chamava, perturbando meus pensamentos que só queriam ficar em paz, depois de pensar em tantas possibilidades, chegara a hora de encarar meu destino, traçado pelo oráculo do Projeto⁸. Ele me dizia que meu futuro já era certo: fazer um vídeo-ensaio. Notas como essa eram comuns:

*13 de julho de 2021
quarta-feira*

IMPORTANTE: Qual será o tema do vídeo-ensaio?

E só. Nada mais nas páginas e branco. Apenas um vazio infindável.

*Mas... tudo bem. Mergulhei em ideias sem sentido e me diverti com isso - na medida do possível. Passei a anotar páginas e mais páginas de pensamentos e criações que nunca iriam para frente. Eram megalomaníacas demais, ou interessantes de menos. Alguns até poderiam dizer que de fato **HAVIAM COLOCADO** algo em minha bebida para ter ideias tão malucas, mas isso são apenas boatos das más línguas que vemos por aí.*

Me fiz enlouquecer pela voz invisível que nunca cessava, ainda que distante e abafada, como que afogada em um rio. De pensamentos? De ideias? Do

⁸ Aqui fazendo referência ao projeto do Trabalho de Conclusão de curso, apresentado no semestre anterior em 2021/1.

preenchimento falso de interesses? Estaria eu afundada no conforto do tempo que restava? Sim para todas as perguntas. O tempo era um encosto, de fato. Porém, naquele momento, era como um travesseiro fofo e macio, que abraçava minhas expectativas como quem diz “ei, está tudo bem”. Maldito seja!

Estando acomodada no tempo, eu ignorava essa voz. “Quero viver um pouco”, eu pensava. Pensava que se a escutasse estaria deixando de aproveitar a vida e não é sobre isso que se trata um processo criativo? Vivê-lo intensamente? E, para isso, usufruir da vida é parte importante da imersão do projeto, não? Já dizia Delory-Momberger (2014, p.56) “[...] a narrativa é não apenas o meio, mas o lugar: a história da vida acontece na narrativa”.

Comentário da Liv: É claro que ir para a praia no meio da tarde faz parte do processo criativo, do que você está falando?



O momento que relato acima considero ter sido o primeiro de muitos hiatos do processo criativo - especialmente nessa primeira fase pré edição do áudio e do vídeo - em que me deparei com o grande e fatigável tédio, que veio de braços dados com o tão temido bloqueio criativo.

Sentia que já havia depositado todas as minhas energias em pensar sobre um processo de criação em contexto remoto. Já havia pesquisado os arcabouços teóricos, organizado pensamentos, defendido ideias! Ora essa... o que mais faltava para eu fazer, afinal? O QUE VOCÊ QUER DE MIM, MUNDO!?

Bom, faltava eu concretizar, lógico.

Eu realmente anotei muitas páginas que não foram para frente. Era uma mistura de ideias, pensamentos inquietos, frases inacabadas e rabiscos de testes de canetas que estavam falhando. Se até as canetas falhavam, quem era eu para tentar prosseguir? “Afe! Assim não dá! Se a caneta não colabora, eu também não vou colaborar!” - disse a jovem testando a mesma caneta falha do dia anterior.

Fazia *brainstorms* quase que diariamente, preenchendo espaços vazios. Analiso agora que isso foi extremamente produtivo, por mais que naquele momento não parecesse. **Despejar uma enxurrada de ideias aparentemente desconexas me fazia bem para tirar tudo que era realmente dispensável da cabeça e manter um *registro constante*.**

E isso fazia com que eu sentisse perseverante a pulsação de querer começar, de querer fazer. Me mantinha alerta e conectada com o processo o tempo inteiro. “Levava sempre comigo meu diário e me percebia atenta a querer captar alguma informação em mim que pudesse utilizar para a cena. Virei uma cobaia de mim mesma, um experimento ambulante” (HOLANDA, 2019, p. 26).

Isso acarretou, no entanto, um momento duradouro de distanciamento da prática e intensa auto reflexão. Justifiquei muito do meu entrave a precisar “vivenciar as coisas” para “ter sobre o que falar”. Me sinto dividida sobre esse momento do processo, pois me confortei nesse pensamento - e em parte optei por me enganar diversas vezes nele - mas, pensando agora, quem sabe o que poderia ter acontecido se eu tivesse insistido em começar rápido?

A verdade é que eu me sentia confortável nesse impasse criativo. Aceitei-o de bom grado, como um velho amigo.



a recusa do chamado

Ainda que fosse difícil de admitir, a verdade é que eu estava com medo. Com todas as letras, descrevi assim mesmo nos meus diários de atriz:

10 de setembro de 2021

Sexta-feira

[...] “Será que estou com medo? Eu sinto alguma coisa me travando. Talvez tenha que estudar mais para me sentir mais segura.”

19 de novembro de 2021

Sexta-feira

[...] “Eu sinto que é uma sensação muito parecida com quando eu terminei o projeto de TCC e fiquei com medo de começar a produzir [...]”

Do que eu tinha medo? Eu o descrevi como um medo de começar, mas será que era isso? Medo de dar o primeiro passo, de se jogar no novo, de aceitar o desconhecido?

Consigo pressentir você perguntando “Oh, mas uma grande aventureira como você? Com medo?” Sim, minha cara... aventureiras como eu também sentem medo, e isso não é vergonha alguma. A questão aqui não está em sentir medo, mas em permanecer nele. Já dizia mestre Yoda⁹: “O medo leva à raiva, a raiva leva ao ódio e o ódio leva ao sofrimento”.

Lembrem-se: o desconhecido nos é muito caro, quando o infiltramos tão displicentemente. Mas a displicência faz parte de qualquer aventura, guarde minhas palavras.

Analiso agora que tinha muitos medos. Medo de não dar conta, de fracassar. Medo de fugir do tema. Medo de ficar presa na ideia e nunca concretizar meus pensamentos. Medo de não ter assunto. Medo de falar e falar e ninguém querer escutar. Tinha medo de olhar para a frente e não conseguir enxergar. Depois de andar todo o caminho de tijolos amarelos¹⁰ qual seria o próximo passo? Construir o palácio

⁹ Star Wars Episódio I: A Ameaça Fantasma (1999).

¹⁰ Referência ao livro “O Mágico de Oz” de L. Frank Baum.

de esmeraldas¹¹? Onde eu encontraria tantas esmeraldas? Tantas coisas preciosas para mim? De onde tiraria tesouros se para onde eu olhava me deparava apenas com as pedras sem graça, sem brilho, sem singularidade?

Estava recusando o chamado. Ignorando o destino traçado pelo oráculo. Vivendo uma vida boêmia sem pudores, pensando que na próxima esquina, quem sabe, conseguiria dar a sorte de encontrar todas as respostas para minhas perguntas incabíveis.



Velhos amigos às vezes nos apunham pelas costas, essa é a verdade.

Tão logo notei que essa “amizade” na qual eu havia me confortado era nada menos que a autossabotagem. Inventar desculpas para não fazer era mais fácil do que arrumar motivos para começar. Sinceramente? Hoje, analisando distanciadamente, vejo que esse momento foi apenas *mais um* dentro de todo o processo.

Liv: Mas sejamos sinceras, nós já não havíamos começado, de uma certa forma?

Giovanna: Como assim?

Liv: Tipo, os *brainstorms* também eram parte do fazer, não?

Giovanna: Desculpa, você quer continuar escrevendo o trabalho sozinha?

Liv: QUERO!

Comentário da Liv:

A gente precisava passar por isso. Mais para frente, ela ressignificou essas situações de “estar-parada-sem-fazer-nada” e passou a compreendê-las não como um desinteresse, mas uma oportunidade de *viver para escrever*.

¹¹ Referência ao livro “O Mágico de Oz” de L. Frank Baum.

Comentário da Aventureira: Falarei sobre isso mais adiante, quando for oportuno.

Mas acho que o grande divisor de águas entre eu me manter nesse buraco que eu cavei e conseguir sair dele, foi agarrar as oportunidades que me foram oferecidas. Não fiquei meramente passiva, esperando o bloqueio criativo passar. Esse foi o momento do processo em que eu pensava: **fazer “qualquer coisa” era melhor do que não fazer nada**. Pois “processo e pegadas são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta” (SALLES, 1998, p. 14), então me agarrei nisso.

Mais uma vez, meus diários eram lotados de pensamentos aleatórios, o celular ficava cheio de *closes* de momentos desinteressantes mas... havia alguma beleza naquilo, algum significado tosco de “querer porque sim”, e isso já me bastava.

Gravei muitas cenas desconexas nessa fase. Cenas das ruas, de momentos com amigos, de coisas que achava bonitas... Qualquer coisa que pudesse servir de material, ou simplesmente me despertasse a vontade de fazer alguma coisa. Ainda que eu não reunisse o ânimo necessário para sair do lugar, **me incitei a aproveitar cada momento como uma oportunidade**.

E isso foi muito útil, diga-se de passagem

Liv: Viu? Eu disse que a gente havia começado...



Em letras garrafais e amigáveis: NÃO ENTRE EM PÂNICO

encontro com a mentora

De tanto que tardei a iniciar, já era hora de voltar às orientações. Encarar a mentora de frente não seria fácil (profa. Marcia Berselli), uma vez que demonstrar as fragilidades parecia exposição demais, fraqueza demais. Ter de encarar a mim mesma e minha indiscutível incompetência para com o avanço da pesquisa.

A mentora me dera uma tarefa simples: a confecção do cronograma do projeto geral. “Ok, isso eu consigo fazer”, pensei. Uma tarefa que não me ocuparia tanto tempo, porém parecia ser uma desvirtuação de meu caminho. Pensei até em contestar as sugestões, pedindo mais tempo para sofrer em silêncio com meu fracasso.¹² Buscar mais tempo para tentar reverter a situação do tédio, de sair do fundo do medo, mas... não foi isso que eu fiz. Montei um cronograma em que me propus a terminar a dramaturgia em duas semanas a partir daquele encontro.



Professores são seres fantásticos. Talvez percebendo o pânico no fundo do olhar, a mentora optou por me designar uma tarefa mais simples do que aquela que eu estava me propondo a iniciar. Por mais que eu não compreendesse suas intenções em me sugerir uma sidequest¹³ tão desconexa, optei por não questioná-la.

Esse foi o incentivo necessário que eu precisava para enfim me desvencilhar do aramado que me era tão confortável, pegar uma pedrinha no chão e me esforçar para transformá-la na primeira esmeralda.

Trabalhei arduamente na construção do meu palácio, tão frágil...

Catei os caquinhos brilhantes e fui erguendo meu pequeno império. A mentora observava de longe, aguardando meus relatórios e respondendo-os esporadicamente, deixando-me absorta em minhas próprias expectativas.

Quando achou oportuno, fez uma sugestão. Das bobas, como quem não

¹² Comentário da Liv: Que drama!

¹³ Missões em jogos de RPG (Role-playing game) que são de menor relevância na história elemental do jogo.

quer nada: “quem sabe a gente não troca de texto?”.

Olhei para ela, para meu amado castelinho de esmeraldas, que notei ser pouco mais que um conglomerado de areia. Sorri com o que tinha feito e saudosamente me despedi, com um aperto no peito de quem sabe que vai sentir saudades de um filho querido.

Deixei ele para trás e, apesar de achar que iria ser levado pelas águas do tempo, permanece intacto no universo das possibilidades.



A vontade de produzir efetivamente surgiu quando eu me reconectei com o processo, com a pessoa que naquele momento parecia o meio termo entre alguém que “está dentro” e “está fora”, como o gato de Schrödinger¹⁴. Minha orientadora, naquele momento, parecia ser o elo perdido entre alguém que conhece suficientemente do processo para indicar o que poderia ser mais eficiente de ser feito, ao passo que desconhecia meus dramas pessoais para ter real noção do meu desespero inerente.

Brincadeiras à parte, o que aprendi nessa fase é que mais do que tentar ficar pensando sobre os produtos finais (que nesse momento era a dramaturgia) **focar em pequenas tarefas aparentemente desconexas pode ajudar a te tirar de um bloqueio criativo.**

Digo isso pois a sensação de “não estar fazendo nada” é arrebatadora para quem está criando. Você não vê fases sendo concluídas, terminadas, finalizadas. Passam-se dias sem a sensação de “consegui!”, que é fundamental para o andamento do processo. Ainda que formular o cronograma geral nada tenha a ver tão diretamente com o processo de criação do vídeo em si, a tarefa aparentemente despreziosa me fez perceber duas coisas fundamentais:

- 1) Observar o todo: quanto tempo estipulamos para terminar cada fase do vídeo. Ter um passo a passo do que fazer era importante, mas ao

¹⁴ De acordo com Versignassi (2011), em uma matéria para a revista Superinteressante, o gato de Schrödinger é uma hipótese concebida pelo físico austríaco Erwin Schrödinger em que em uma experiência imaginária, a partir das teorias de mecânica quântica, em que um gato poderia estar vivo e morto ao mesmo tempo. Nenhum gato foi ferido para a escrita desse TCC.

remanejá-los em datas conseguimos ter mais clareza sobre o tempo real que temos em mãos para concluir cada uma das partes do trabalho;

- 2) A sensação de concluir algo: em que finalizar o cronograma (que era uma parte indireta do processo) me fez ter a sensação de avançar, ainda que um pouco, no que era uma grande estagnação do processo criativo.

Minha primeira esmeralda foi a dramaturgia. Minha primogênita. Eu a concebi nesse impulso de criatividade e me desapeguei dela pouco a pouco, porque lá no fundo eu sabia que a insuficiência dela era inerente. Meu palácio de esmeraldas parecia um mero castelinho de areia.

No dia em que mostrei despretensiosamente outro texto e minha orientadora achou-o mais potente, passei a acreditar nisso também. Tudo o que eu precisava era de um pouquinho de coragem e um tanto de paciência, que adquiri refinando cada frase veementemente. Utilizei minhas habilidades de lapidária das palavras, que venho aprimorando há tantos anos e ali estava o texto que guiaria o vídeo que viria a se tornar *Nos teus caracóis lilases*.

Liv: Achei tão lindo o que você escreveu da gente...

Giovanna: Fica quieta, Liv!

Não gosto muito de explicar meus trabalhos, pois flerto com o improvável que a interpretação proporciona, então vou me ater somente a dizer que este foi um trabalho extremamente autobiográfico, na relação com minha infância.



travessia do primeiro limiar

Depois de compartilhar inseguranças e ouvir os sábios ensinamentos de minha mentora, a travessia do primeiro limiar se inicia. Após me resguardar por mais alguns dias de surto, finalmente tomei a poção da coragem, a chacoalhada da realidade e coloquei o pé na estrada.

O desconhecido se materializava na minha frente como um adversário já esperado, porém não inexplorado. É o encontro com o extracotidiano, o achado de preciosidades e o observar das pequenas alegrias da vida. No meu caso, atribuo esse momento ao primeiro contato com a incógnita que era a edição, de um modo geral.

Desde sempre soube que o desafio não seria a dramaturgia - ainda que ela tenha me dado um trabalho considerável. Querendo ou não, escrevê-la estava dentro do que eu considerava ser o meu mundo comum, o conforto. Ainda que o medo me consumisse para iniciar a escrita, não sentia medo em escrevê-la, mas sobre o que escrever.

Realizei um retiro nas montanhas das referências e me demorei em pesquisas vãs, quando precisava apenas olhar no espelho da verdade, no reflexo do meu ser. Fazer um reconhecimento autobiográfico parecia ser a chave que abriria as portas do desconhecido. Parecia irônico pensar que o desconhecido se tratava de minha própria vida, afinal.

Ainda que já aceitasse meu destino, a voz que me convidava a aventura ainda ressoava em meus ouvidos, cada vez mais alto. Ela vinha dentro de mim. Uma vez que decidi abraçar essa parte, escrever era como respirar: orgânico, mecânico, parte de quem eu sou e como me reconheço. Quase me auto intitulei Giovanna: a Cavaleira das Mil e uma Letras, mas achei demasiado ostensivo.

Então, identifico como a verdadeira travessia a gravação e edição do áudio. Eu havia feito isso somente uma vez, meses atrás, para um trabalho menos complexo, de menor importância para mim.¹⁵ Agora eu estava com expectativas. Altas. Eu almejava fazer uma boa edição.



Nessa fase da trajetória, começo a identificar o que Morin descreve como “estado poético”: “O estado poético dá-nos o sentimento de superar nossos próprios limites, de sermos capazes de comungar com o que nos ultrapassa” (MORIN, 2012,

¹⁵ Experiências realizadas com o Audacity na disciplina de Evolução do Teatro IV, cursada em 2021/01, com carga horária de 60h, com o professor responsável José Renato Noronha.

p.138). Foi o momento de frio na barriga, da preparação para atingir o ápice do êxtase (MORIN, 2012, p.138).

Houve a hesitação de começar, mas a entrega para o desconhecido e o pulo de cabeça no mistério da edição me faziam silenciosamente desejar que esses momentos chegassem com mais rapidez. Eu *queria* o desconhecido.

E o desconhecido veio de braços dados com um aspecto familiar: minha própria história. Nos últimos tempos havia me aproximado consideravelmente da linguagem autobiográfica e, no fim, foi ela que ditou grande parte do processo. A assinatura de minha própria vida ficou evidente desde os primeiros passos do trabalho. Delory-Momberger descreve

O espaço-tempo segundo o qual figuramos os limites de nossa existência é de fato aquele no qual nascem nossas histórias, ou seja, construções segundo as quais apreendemos nossa vida. [...] Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da escrita de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.34)

A dramaturgia que perpassa e guia o vídeo de *Nos teus caracóis lilases*, no entanto, há um diferencial: ela é narrada como em terceira pessoa. Não sou eu, diretamente, quem está contando. É nesse momento que talvez haja algumas confusões porque minha voz dá vida à personagem, mas a personagem sou e não sou eu.

Ainda que pareça que estamos adentrando em discussões de psicologia sobre múltiplas personalidades, deixe-me explicar. Talvez esse seja um bom momento para você, leitora, pegar alguma coisa para beber porque a história é grande, a brisa é louca e o bagulho é sinistro.

Vamos lá...

Eu tenho uma personagem. Liv. Ela faz parte de um livro que ainda estou escrevendo, que começou, inicialmente, como uma grande distração para a pandemia de Covid 19 e acabou se desenrolando em um projeto importante para mim e meu companheiro que ilustra e cria o universo junto comigo. Considero a Liv como uma extensão de mim e descrevo nossa relação dessa maneira nos diários de atriz:

25 de outubro de 2021

Segunda-feira



Nós (eu e Felipe) gastamos muito tempo até nos darmos conta de que a Liv sou eu.... mas não sou eu. Acho que vou escrever mais sobre isso no meu vídeo-ensaio, porque é uma relação muito estranha essa que eu tenho. É meio assim: eu sou a primeira pessoa e a Liv deveria ser uma terceira pessoa, mas pra mim ela é uma segunda pessoa porque ela tá entre “eu” e “ela”. Ela não sou eu e ela não é uma coisa “não eu”. Caraca, eu tenho que levar isso pra terapia kkkk. Mas sei lá, tem uma parte que sou eu 100% mas o resto é só ela.

Liv: Acho que você só confundiu mais elas...

Giovanna: Sério? Achei que eu tava arrasando

Liv: Não, sério mesmo... arruma uma referência para o povo não dar um nó no cérebro.

Lorenzoni (2018) descreve em sua tese a relação da personagem Helena, que compreende ser uma “protagonista e narradora onisciente [...] que é a própria pesquisadora intervindo nas cenas” (LORENZONI, 2018, p.20). Da mesma forma que Helena intervém nas cenas de Lorenzoni, a Liv intervém em minha vida. Ela é minha relação com a infância, com minhas questões enquanto crescia, meu amadurecimento emocional. Ela se manifesta como uma *parcela* de minha vida, porém não integralmente.

Ela ressoa em mim como uma lembrança do que já fui e reflexo de quem eu sou, e meu intuito em expressar isso no vídeo-ensaio exprime uma bagagem de significados. Ela é uma instância pessoal o qual confiro a identidade de mim mesma (DELORY-MOMBERGER, 2014, p.35) É ela quem insiste em narrar essa história, quem demonstra meu lado criativo sem acanhamento - e se orgulha disso. A

Giovanna crescida tem medo do que os adultos irão pensar dela, ao escrever um Trabalho de Conclusão tão cheio de fantasias e referências caóticas.

A Liv não. A Liv se diverte com isso, com a possibilidade de transportar o leitor/espectador para a fantasia das narrativas. Ela sempre me convence. É mais forte que eu.

Ainda que conscientemente eu abrace minhas muitas facetas com muito carinho, a Liv tem maior poder de decisão dentre todas elas. Gosto de pensar assim. Gosto de ter um motivo para fazer minhas maluquices e terceirizar isso como se não fosse comigo. Me divirto com isso.

Giovanna: Agora tá melhor?

Liv: Sim, acho que agora deu pra entender.

Agora que despendi tempo em falar de algo conhecido, voltemos ao *desconhecido*: a edição do áudio. Ainda que eu estivesse preparada para lidar com o desconhecimento, busquei iniciar esse processo com um aplicativo de áudio que tinha mais familiaridade: o Audacity (versão 3.1.0). Optei por iniciar dessa maneira para desenferujar minhas (até então poucas) habilidades com editores em geral.



testes, aliados e inimigos

Foram dias e noites desafiadores no caminho solitário da edição de áudio. Mas me mantive forte, com a cabeça erguida e a coragem no peito, pois sabia que este seria apenas o início de uma longa jornada...

Passei a entender quais seriam as reais provas e inimigos, que foram impiedosos, porém não invencíveis. Citarei aqui alguns:

Encarei monstros horrendos como sons de “p” e “t”, que estouraram na gravação inúmeras vezes e me fizeram regravar os áudios e testar minha finita paciência. Enfrentei os dragões das ruas, que rugiam seus motores clamando brigas contra o trânsito e desafiando a sensibilidade de captação do microfone. Solucionei o enigma da esfinge que foi gravar o mesmo áudio quatro vezes, e depois juntar todos eles em um e editá-lo de uma vez. Foram tantos os desafios que se contorciam no novelo de lã dos acontecimentos que prefiro poupá-los de ler relatos tão cabulosos.

Mas eu percebia... bem lá no fundo de cada uma dessas provações que o real inimigo pairava no ar, a espreita. Ele estava por vir. Está por trás de todas as adversidades, ainda que eu não conseguisse desvendar quais seriam suas reais intenções comigo...

Porém também houveram aliados. Ah sim, eles não poderiam deixar de ser citados. O primeiro deles, que veio como um grito de necessidade (por mais irônico que isso possa soar), foi o silêncio. O silêncio veio como um respiro a minha concentração, uma brisa calma que me acariciava a cada tentativa e me dizia “vamos tentar de novo?” e eu ia, todas as vezes que ele me convocava.

O segundo, subestimado por mim e depois devidamente absolvido por triunfar em todos os impasses nos quais fora avaliado, foi a meia. Este foi um aliado inesperado e surpreendente, que chegou, cumpriu seu papel (de abafar o microfone na gravação, derrotando monstros como sons de “p” e “t” estourados) e seguiu seu rumo, retornando ao seu propósito inicial de servir somente aos meus pés.

O terceiro foi a informação. Sua disponibilidade presente na internet em pesquisas em plataformas como o Google e YouTube, que preenchiam minhas dúvidas com tutoriais e explicações sucintas, fizeram da minha jornada momentos mais tranquilos. A informação era como uma conselheira sábia, que necessita que as perguntas sejam feitas com igual sabedoria. Porém que carrega tanto conhecimento quanto se pode imaginar.



Seguiram comigo até o final o silêncio e a informação, em que me apoiei em grande parte da aventura. Lembre-se, aventureiros: os aliados que encontramos são fundamentais em sua jornada. Não os deixe escapar pelos dedos ou os esqueça nas masmorras do egocentrismo. Se há um único conselho que posso lhe oferecer, que seja esse.

Quando tudo acabou, um sábio disfarçado de andarilho humilde, percebendo meus muitos machucados, sugeriu uma estratégia diferente para lidar com adversidades semelhantes. Ele sussurrou em meu ouvido a seguinte frase: “imprime o texto e coloca a minutagem, mulher!” e se foi. Nunca vou esquecer tão sábias palavras.



Bem como citado anteriormente, eu tinha pouca familiaridade com o aplicativo, porém ele por si só é bastante intuitivo. Comandos como cortar e ganho de áudio podem ser encontrados facilmente no layout, com símbolos conhecidos como a tesoura e a caixa de som, indicando, respectivamente, cada um dos comandos situados. Além disso, utilizei de tutoriais¹⁶ rápidos no YouTube, que me auxiliaram em demais configurações como redução de ruído e amplificação do áudio.

O maior desafio, no entanto, foi com relação aos ruídos da casa, da rua, da vida... Por vários dias eu me programava para gravar e sons de chuvas fortes, maritacas malucas, carros e as próprias pessoas que dividem a casa comigo atrapalhavam consideravelmente o meu trabalho. É o que Salles (1998) denomina de intervenção do acaso e que ela “abre espaço para o mecanismo de raciocínio responsável pela introdução de idéias novas” (SALLES, 1998, p.27). E, acrescento ainda, a introdução de *soluções* novas. Foi necessário, então, fazer algumas escolhas.

A primeira delas foi realizar a gravação em um horário mais tarde da noite (não tão tarde por medo de incomodar os vizinhos, mas tarde o suficiente para que houvesse o menor número de ruídos possíveis). Também foi necessário solicitar que meus companheiros de apartamento fechassem as portas, diminuíssem os volumes

¹⁶ Canal *Web Click*, vídeo “Para Iniciantes | Como Usar o Programa Audacity”: <https://www.youtube.com/watch?v=GeJ8814Wvlg&t=602s> e canal *A dica da vez* com o vídeo “Audacity para iniciantes” https://www.youtube.com/watch?v=4_DOfnMiqL0&t=313s

de TV e falassem mais baixo por pelo menos uma hora inteira (tarefa difícil, porém não impossível).

E, por último, mas não menos importante, de fato eu fiz o uso da meia para o abafamento da captação de ruídos de áudio, que fez uma grande diferença na diminuição da quantidade de ruídos que restariam na edição final. O adequado teria sido o uso de uma esponja própria para essa finalidade, mas eu não a tinha disponível para a gravação do áudio, então me contentei com o que tinha em mãos. Falo sério quando digo que abracei o imprevisto. Não ficar passiva, como já disse anteriormente, foi parte fundamental no trabalho.

Muitas vezes quando não sabia o que fazer, eu apenas improvisava com o que tinha, especialmente nessa parte da edição, em geral. Pois “o tecido do percurso criador é feito de relações de tensão, como se fosse sua musculatura. Pólos opostos de naturezas diversas agem dialeticamente um sobre o outro, mantendo o processo em ação” (SALLES, 1998, p. 62).

Ainda que tudo isso tenha acontecido de maneira orgânica, percebi que depositar o tempo em solucionar os problemas era mais eficaz do que somente olhar para eles. Não fiquei pensando e me lamentando pelos ruídos ou por minha falta de equipamento. Resolvi esses pepinos da maneira que pude, do modo que deu e no fim, o resultado saiu satisfatório, embora não seja ou pareça minimamente profissional.

Mesmo que o profissionalismo tenha passado longe do resultado final, as expectativas não eram essas desde o começo. É importante alinhar as expectativas com a realidade. O que eu *quero* fazer versus o que eu *consigo* fazer. Para isso, utilizei um dos conselhos de meu companheiro em **imprimir o roteiro da dramaturgia** e ir colocando a minutagem do áudio, juntamente com algumas das cenas que já estavam em minha mente, pré gravadas, quando ainda não tinha dramaturgia que as interligassem. Isso se fez muito útil, pois eu consegui visualizar integralmente o texto, ao mesmo tempo que conseguia fazer e apagar anotações, informações, possíveis cenas, etc. Era um papel que estava sempre à mão, e que posteriormente pude transportar de um lado a outro quando fui gravar mais cenas nas ruas.

Eles ficaram mais ou menos assim:

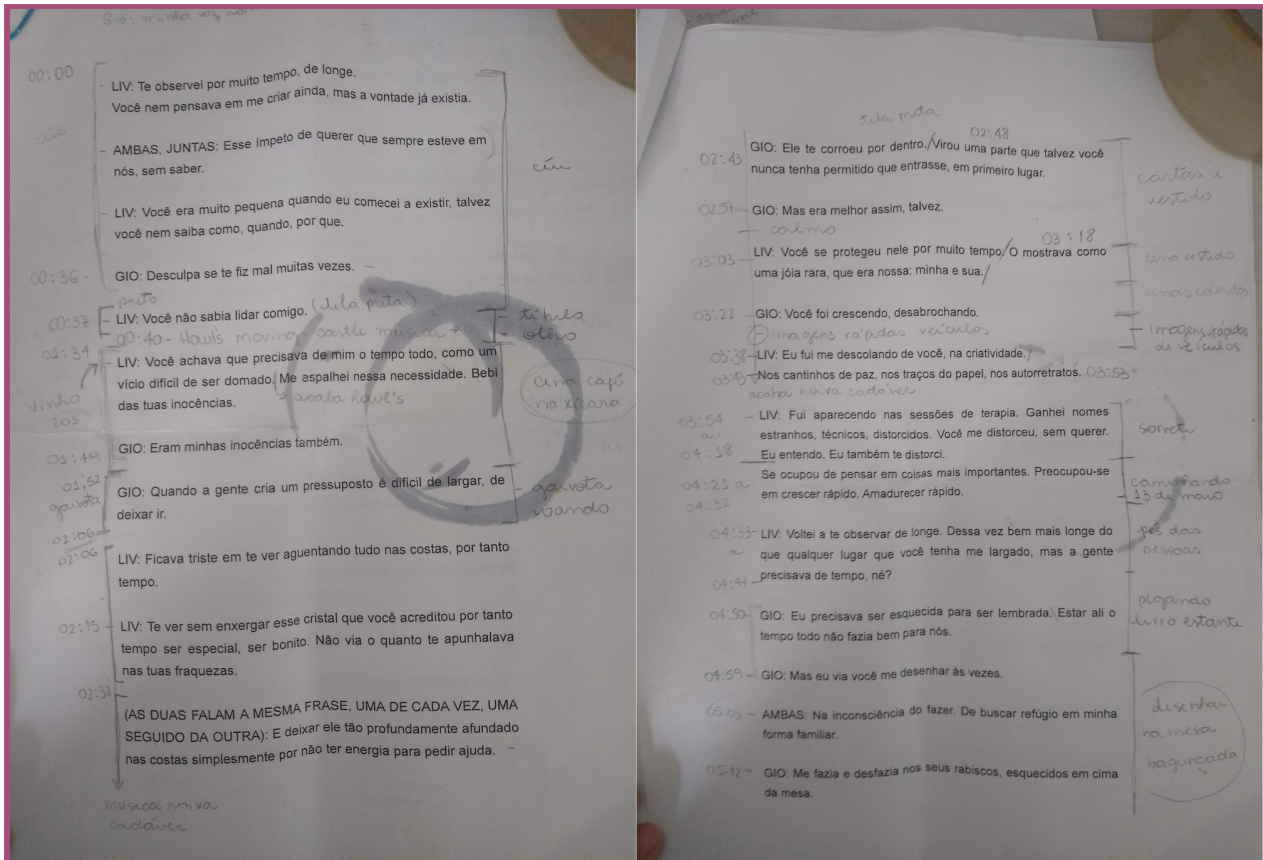


Imagem 1 - Dramaturgia, registro da pesquisadora.

Além disso, algo que me manteve na linha o tempo todo foi mais uma das estratégias que identifiquei anteriormente: **Ter claro, o tempo todo, sobre que tipo de linguagem quer se trabalhar.**

Então por exemplo... desde o início me propus a fazer um vídeo-ensaio, então me mantive nessa ideia do início até o final. Às vezes parecia um pouco limitadora, porém os limites me indicavam por quais caminhos andar e não ser simplesmente jogada no vazio de possibilidades.

Comentário da Liv: Vou dar um exemplo... sabe quando você vai a uma loja de sorvetes e tem todas as opções disponíveis e fica na dúvida sobre quais sabores pegar? Então... quando temos mais opções, as escolhas se tornam mais difíceis. Agora pense que você vai a outra loja e tem somente três sabores de sorvete. Agora tudo ficou mais simples de escolher, certo?

Logo, não digo que esta é uma regra. Talvez essa analogia que a Liv tenha

usado, tenha atizado ainda mais a sua vontade de se empanturrar com todos os sabores de sorvete. Estou apenas relatando a minha experiência, e dizendo que ter menos sorvetes garantiu com que eu não tivesse uma dor de barriga. Só um congelamento de cérebro.

Liv: Eu queria sorvete...



Sob o vale do medo não temerei mal algum pois Hades estará comigo

aproximação da caverna oculta

Comentário da Liv:

Oi, tudo bem? Acho que este é um bom momento para falar que se tudo isso que compartilhamos até agora for demorado demais para seus propósitos, deixo aqui um passo a passo rápido para você escrever no seu caderninho de aventureira. Uma espécie de “guia de bolso”, se é que posso chamar assim:

- *Encontre um tema que queira falar sobre. Pode ser algo conceitual, um pensamento leviano, uma receita de bolo que te fez pensar na origem do universo. Encontre o tema, viva o tema, seja o tema;*
- *Escreva sobre ele. Este é o momento de reunir as referências, sejam teóricas e embasadas academicamente, seja as auto referências, como foi o caso da Gika¹⁷.*
- *Uma vez escrito, compreender que intenções as frases têm individualmente (tanto de emoções, como alterações de ritmo, entonação, etc.). Essa parte é bem complicada, porque implica em tentar vislumbrar uma perspectiva de um resultado final. Para quem é novato, essa perspectiva é muito difícil de se fazer. Mas não tema! Vai de pouco em pouco que uma hora vai!*
- *Gravar e editar o áudio - aceitar contratempos como sons da rua e etc são fundamentais. Paciência e repetição serão o seu mantra.*
- *Ouvir o áudio e tentar ir juntando mentalmente com as imagens que você já tem e ir imbuindo o significado. Lembra que a Giovanna disse que gravou várias coisas sem sentido? Agora elas vão começar a ganhar, basta ter um olhar atento.*

E voltamos para a aventureira...

A vida, então, deu descanso.

Depois da edição do áudio, houve um curto momento contemplativo. Em parte me sentia realizada em ter terminado de concluir uma das tarefas que parecia ser

¹⁷ Giovanna: Não me chama de “Gika” no Trabalho de Conclusão de Curso!
Liv: Tá, tá, desculpa...Credo!

muito difícil, porém já conseguia ouvir a abertura de Dragon Ball Z ecoando na minha cabeça: “posso pressentir o perigo e o caos”.

11 de novembro de 2021

Quinta- feira

“Eu gosto de momentos assim no processo criativo. Não o tempo todo. Mas gosto de estar imersiva em uma única atividade, por mais chata que ela seja. Não sei explicar. Acho que é porque geralmente eu vejo grandes avanços, aprendo coisas... sei lá. [...] Acho que isso se deu porque apesar de saber que essa seria uma parte difícil, eu meio que subestimei ela. E eu nem acho que eu tenha chegado na parte mais difícil, que vai ser editar o áudio sem as imagens. [...]”

Ainda que pressentisse que o momento de maior desafio estaria chegando, me permiti sentir a maresia de sentimento cumprido. Aproveitar a sensação de (semi) conclusão, por mais breve que ela fosse durar.

Comecei a explorar diferentes tipos de registros em meus diários pois apenas narrar minha jornada em curtas palavras esporádicas agora parecia insuficiente. Não sabia o que poderia acontecer comigo nas próximas adversidades e necessitava deixar meu conhecimento para o mundo, quando meu corpo inerte jazesse em esquecimento e eu tivesse bons motivos para dedicar meus escritos “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas” (ASSIS, 1994, p.1). Ou só “para mamãe, com amor” já estaria de bom tamanho.

De qualquer forma, gostaria de dizer que me demorei nesse momento contemplativo, mas estaria mentindo. Eu queria, mais do que tudo, sentir logo a sensação de arrancar o curativo. Desnecessariamente dei um passo maior que as pernas e me apressei em um momento que talvez não fosse preciso. O afobamento de pular etapas me fez compreender uma grande lição: às vezes é melhor apenas aproveitar a paisagem.



Me sentia aliviada e feliz de ter concluído alguma parte do processo, depois de tanto tempo parada, como já tinha falado anteriormente. Nesse momento eu quis

abraçar o mundo com as mãos e me apressei em engatar uma coisa na outra. Até agora não sei se essa foi a decisão mais correta.

Uma sensação de correr atrás do tempo perdido me perturbava, no sentido literal da palavra. Comecei a sentir ansiedade misturada a uma sensação de fracasso, por mais que ela ainda estivesse junto de uma pequena parcela de conquista em ter terminado uma parte do processo, ainda que pequena. Era como um caldeirão de bruxa, sabe? Um pouquinho de ansiedade aqui, uma pitada de conquista, duas colheres de síndrome de impostora, um toque de insegurança, asa de morcego, perna de sapo e *voilà*: está servida a torta de climão.

Liv: Que medo

Foi nesse momento que passei a testar novos tipos de registro em diferentes meios. Passei a não achar suficiente apenas escrever em punho todos os meus pensamentos (em parte porque não era prático, em parte porque encontrei outras maneiras de me expressar) e passei a dedicar os registros mais detalhados ao computador; os mais frenéticos e que se assemelhavam mais a um fluxo de pensamentos a vídeos de até 10 minutos; e aqueles que necessitavam de um meio termo (ou só careciam de alguma ilustração aqui e ali) acabavam parando no diário físico.

Quando me dei conta já estava utilizando esse método. Atribuo isso a um dia que apenas queria colocar tudo para fora e apenas liguei a câmera do celular e falei por 15 minutos ininterruptos. Depois disso, acabou virando um hábito.

Já o computador era uma questão de comodidade. Quando eu precisava expressar pensamentos com maior clareza e certeza do que eu estava querendo transmitir, eu optava por parar e pensar em cada palavra e, simultaneamente, escrever de maneira dinâmica e rápida.

Como podem ver, foram momentos de bastante contemplação, porém que não duraram tanto quanto gostaria.

Liv: Agora que tudo passou, me pergunto se você precisava ter tanta pressa em começar a editar o vídeo logo. Se não poderia ter feito tudo com mais calma. Se não poderia ter encontrado um equilíbrio. O que te moveu, no fim das contas? A empolgação de manter o ritmo da edição e engatar uma coisa

atrás da outra, ou uma culpa implícita que você sentia por ter ficado parada muito tempo no início do processo de criação?

Giovanna: Esta é uma questão difícil de responder, porque conta com uma análise que talvez minha psicóloga não esteja com tempo de fazer. Vivam com esta dúvida. Quem sabe eu consiga responder em um mestrado, sei lá...



a provação

Chegara a hora mais temida: enfrentar os desafios do editor de vídeo. Era ele meu maior adversário. Desde o primeiro dia pressentia sua presença, sondando meus movimentos imperfeitos. Não estava fortificada, mas estava preparada. Todo o meu treinamento de dias iria surtir efeito naquele momento.

Foram muitos... MUITOS dias tentando decidir que editor usar. Incontáveis horas de vídeos explicativos sobre as vantagens e desvantagens de cada um. Inúmeros sites e buscas que fizeram com que promoções de computadores mais potentes pulassem em forma de propaganda site após site, enfraquecendo a minha força de vontade. Muitos foram os desestímulos. Perdi muitos projetos, que eram fechados sem terem sido salvos pela falta de potência do editor. Passei pelo vale do medo de sites duvidosos, que rezava incessantemente para que de todas as coisas, que não obtivesse um vírus no meu amado computador. Encarei propagandas falsas, conteúdos desatualizados e vendedores enganosos que pareciam conspirar para a dificuldade ser ainda maior.

Mas não desisti. As desavenças que haviam surgido até aqui me fizeram mais forte. A informação era minha maior escudeira. O silêncio era meu centramento. A perseverança era o meu alimento. Por muitos dias e muitas noites não dormi, enfrentando o inimigo, que apenas crescia e se deleitava de prazer na minha frente ao ver minha desorientação iminente. Olhava penetrante nos seus olhos, famintos pela minha derrota. Aguardava silenciosamente demonstrar meus pontos de fraqueza.

Me mantive impassível. Chorava escondida nos cantos pela casa, distante daquele que era meu maior adversário. Refazia minhas ataduras da força de vontade todos os dias, e mais uma vez, saía para a batalha. como se fosse a primeira vez que estivesse lutando.



Desde o primeiro instante que decidi que iria de fato produzir um vídeo para o meu trabalho de conclusão, sabia que este momento chegaria. Nunca fui boa em tecnologias, mais

do que isso: sempre fui uma zero à esquerda. Até hoje quando vou viajar tenho dificuldades para comprar a passagem de ônibus ou avião. Não me orgulho disso.

Cada vez que eu era questionada se já havia escolhido meu editor de vídeos, sentia um arrepio na espinha, que me obrigava a responder apenas “ainda não”, com um sorriso amarelo e pânico no olhar. Era isso. Não tinha mais como fugir.

Testei vários deles, todos gratuitos. Alguns, sinceramente, não sei nem se dá pra dizer que testei, pois não chegaram a concluir a instalação ou ficava com um pouco de receio da procedência do site. Vou falar brevemente sobre aqueles que testei e obtive algum resultado satisfatório.

- 1) Apowershot: O primeiro que tive contato e aprendi os comandos realmente básicos. Achei-o, como todos os outros, por vídeos no YouTube, a partir da pesquisa “editor de vídeo fácil de usar” - quer coisa mais autoexplicativa que isso? - e testei. O primeiro teste foi bom para eu começar a adquirir alguma noção de que tipo de território eu estaria pisando, pois eu realmente não sabia nada sobre edição de vídeos. O Apowershot é um editor fácil de usar, e até fiz a primeira parte do meu vídeo (que acabou ficando a mesma até o final) nele. Mas o editor (assim como muitos) contém marca d’água, que tão logo percebi. Foi bom ter feito os primeiros testes nele, pois era bem intuitivo, mas não perdurou por muito tempo.
- 2) Shotcut: Não sei se foi a minha falta de noção, falta de potência do meu computador ou falta de intuitividade do programa, mas não me adaptei a esse editor. Achei difícil me encontrar nele e lembro de fechar e abrir o programa várias vezes para voltar algumas das configurações iniciais simplesmente porque eu não me encontrava mais quando apertava alguns comandos. Utilizei muito pouco. Desisti rapidamente.
- 3) Openshot: Usufrui por um tempo considerável o Openshot até perceber que seria completamente inviável - para não dizer arriscado - fazer toda a edição do TCC nele. Eu fiz uma experimentação com um vídeo de 2min e 30seg para um trabalho de *(Auto)Biografia e Processos Formativos em Teatro*¹⁸ que

¹⁸ Disciplina complementar de graduação realizada no ano de 2021/2, com carga horária de 60h, orientada pelas professoras Camila Borges e Cândice Lorenzoni.

foi como brincar de roleta russa, pois constantemente o aplicativo dava pane e fechava sem salvar. Utilizei o trabalho de (Auto)Biografia justamente como um teste para o projeto do TCC, e isso foi muito bom para eu não começar a mexer o que já seria o meu trabalho final.

Porém, foi com esses editores que compreendi qual seria meu projeto estético, que Salles define como

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista [...] São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único. (SALLES, 1998, p.37)

Nesse momento, sinto que me desvencilhei dos "achismos" que tinha para com a edição. Compreendi os comandos com certa facilidade e passei a entender a que pé (estética e poeticamente) estaria perpassando meu vídeo-ensaio. Ainda que, nesse ponto, eu não pudesse nem imaginar qual seria o resultado final, a experimentação dos editores de vídeo - ainda que no final não tenham sido utilizados, efetivamente - foi de suma importância para eu passar a compreender de que formato eu gostaria de me aproximar.



a recompensa

Em algum momento da batalha o inimigo dropou¹⁹ um ítem raro para minha companheira, a informação: aprendizado. Aventureiras, este foi um momento sublime, que me deixou com lágrimas nos olhos ao presenciar o tão espantoso ocorrido.

Descrever acontecimentos vãos já é uma árdua incumbência, mas detalhar momentos como esse é tarefa para poucos. Já vi um ou dois contadores de causos, velhos marinheiros bêbados que contavam histórias tão fantásticas quanto essa que vou lhe descrever agora. Porém certamente nada será tão emocionante quanto vivenciar o acontecido.

Pois bem. Estava montada em meu elefante, indo em rumo a mais uma batalha que não parecia cessar. Nem em meus sonhos mais bonitos poderia imaginar que aquela seria a última e enfim triunfaria sobre meu adversário. Era manhã cedo, com a aurora recém completa e estávamos eu e meu escudeiro Hades juntos naquele fatídico dia.

Não sei se foi o café mais forte, se Hades pusera doses extras de perseverança no meu desjejum sem que eu notasse, mas aquele dia já parecia diferente, pensando cá com meus botões. Eu me sentia diferente. Estava mais astuta, mais atenta, com os reflexos mais afiados. Não havia notado que a informação estava munida de aprendizado. Só depois da batalha percebi. Naquele momento, eu apenas queria a afronta.

Cheguei ao campo de batalha incerta, mas a obstinação tomou conta de meu ser e possuí meu corpo já machucado. Conseguia prever seus movimentos. Fui aprendendo seus truques. Compreendendo suas fraquezas. Comecei a atingi-lo em pontos inevitáveis de ruptura. Salvei o projeto várias vezes para que ele não ousasse perdê-lo. Passei a bloquear faixas de áudio que eu não queria que ele modificasse. Fazia cortes precisos nos vídeos para que eles ficassem do jeito que eu queria, não ele.

O aprendizado passou a surtir efeito. Finalmente chegou minha vez de rir em sua face maligna. Conseguia perceber seu descontentamento pelas várias vezes que o projeto fechava subitamente, mas não me deixei abater. O abri duas, três, dez vezes uma atrás da outra até conseguir um resultado satisfatório. Olhei para Hades e ele me olhava com aquela expressão incógnita, uma mistura de orgulho e tédio. Ele sempre fora mais inteligente do que eu. Talvez por isso tenha deixado essa missão em minhas mãos.

¹⁹ Gíria utilizada em jogos de computador ou console para indicar que um ítem caiu ou foi largado no chão. Faz referência a palavra “drop” (cair, derrubar) em inglês.

Mas enfim, eu venci.

Concluí a primeira edição do vídeo no dia 16 de novembro de 2021. Dentre muitos desafios, fiz algo que finalmente pude me orgulhar. Cravei a espada da compreensão no bicho de sete cabeças que foi a edição de vídeo.

Me saí vitoriosa.



Aprendi coisas preciosas com essa primeira edição que acabaram ditando todo o resto do trabalho. Que abrilhantaram e foram devidamente aprimorados e evoluídos com o passar dos dias de minhas experimentações posteriores. Enfim, compreendi o que Salles diz sobre a concretização ser “uma ação poética, ou seja, uma operação sensível ampla no âmbito do projeto do artista” (SALLES, 1998, p.52) É quando “o pensamento é transformado em ação, que se move em direção à estrutura em formação.” (SALLES, 1998, p.52)

Antes de mais nada, como falei anteriormente, a escrita faz parte de meu mundo comum. Logo, não é de se espantar que consciente ou inconscientemente eu a tenha colocado em um pedestal durante vários anos. Gritava a altos brados para quem quisesse ouvir que a escrita era “A” minha forma de me expressar. Porém, ainda que a considere uma cúmplice confiável, notei, neste trabalho como outros artifícios podem potencializá-la e, ainda, falar por si mesmos.

Olhando mais de perto a relação do propósito do artista com as matérias por ele escolhidas, compreendemos a interdependência desses elementos. A intenção criativa mantém íntima relação com a escolha da matéria. Opta-se por uma determinada matéria em detrimento de outras, de acordo com os princípios gerais da tendência do processo. (SALLES, 1998, p.66)

Logo, não vou mentir: permaneço considerando a escrita meu maior meio de expressividade, de transmitir sentimentos e declamar ideias, mas ao notar a potencialidade de outros elementos (no caso a imagem gravada e a trilha sonora) em contato com a minha escrita, comecei a observar subtópicos e camadas a serem exploradas e fomentadas. Me deleitei com a possibilidade de brincar com as intenções, de deixar o não dito expresso por outras vias.

Obtive o resultado de minhas primeiras experimentações com a edição geral: um vídeo curto de aproximadamente um minuto. Nele, havia o que veio a se tornar os primeiros momentos do vídeo final, com o céu azul, o texto falado e a trilha sonora que apresenta o título do trabalho. Nesse pequeno momento, pude perceber como esses três elementos podem dizer muito individualmente, mas potencializam-se entre si para criar uma narrativa em conjunto.

E, ainda assim, não quer dizer que os significados que eu atribuo sejam os mesmos da minha espectadora, uma vez que cada pessoa vai se relacionar com o material a partir de seu repertório prévio e de seu contexto. Ainda, há no vídeo-ensaio a especificidade da linguagem, como colocar Dubatti: “no cinema o corpo do espectador está presente, mas o corpo do ator está ausente, é substituído por uma estrutura de signos [...]”²⁰ (DUBATTI, 2015, p.46, trad. nossa). Assim como Dubatti, busco a “[...] formação múltipla de espectadores abertos, que possam desfrutar tanto de um Shakespeare em convívio, quanto da transmissão por streaming de um espetáculo [...]” (DUBATTI, 2021, p. 264). Isso é demasiado particular, e aí se encontra a beleza da coisa. É quando “a construção de cada aparente fragmento atua dialeticamente sobre a outra.” (SALLES, 1998, p.77).

Liv: "Você não pode ver o que eu vejo porque vê o que você vê."

Giovanna: Quem disse isso?

Liv: Douglas Adams, ora!



²⁰ Original: "en el cine el cuerpo del espectador está presente, pero el cuerpo del actor está ausente, es sustituido por una estructura de signos [...]."

O momento exato em que a Zé Ninguém vira uma Zé Alguma Coisa

a volta para a casa

Ganhei confiança. Fiz algo que pude me orgulhar sinceramente. Me senti capaz de tudo, inclusive de produzir algo que fosse realmente bom, e não só uma entrega desleixada. Uma história de uma Zé Ninguém. Nada disso! Se eu fosse Zé, quero ser Zé Alguma Coisa, e definitivamente o que eu fiz foi uma grande coisa.

Tirei alguns dias para repousar

19 de novembro de 2021

Sexta-feira

[...] “fui para a casa da minha tia por 3 dias justamente para dar uma descansada do processo e de algumas coisas da faculdade. Não necessariamente eu fui pensando em abstrair 100% do processo de criação - tanto que gravei cenas lá - eu fui só me distrair da parte “cansativa”, digamos assim. [...]”

Este foi um importante momento para mim, apesar de saber que estava apenas na metade da jornada. Os pensamentos eram turbulentos, mas a minha vontade permanecia inabalada. Na volta para casa, repensei conceitos, escrevi ideias e gravei algumas cenas. A inspiração era o meu guia, e a coragem fora guardada no peito.



Quando digo que estava na metade da jornada, justifico logo dizendo que é por conta do tempo despendido nesse período, mais do que a quantidade de trabalho que tive. Lembra quando eu disse que a perturbação do tempo foi uma “justificativa para uma corrida e afobação desnecessárias”? Esse foi o momento.

Se houvesse forma de colocar todos esses momentos em uma balança (os dois meses que passei criando o conteúdo e os dias em que fiz somente a edição do vídeo em dez dias), diria que eles têm a mesma quantidade de trabalho, estresse, ansiedade e aprendizado. Os dois últimos meses serviram para eu dar os meus primeiros passos em todo o processo criativo, por isso eles estavam sendo mais cansativos, demandavam mais tempo. Eu carecia de ritmo, principalmente.

Porém finalmente sentia que estava com o tal “fôlego” para começar, digamos assim. Agora que eu já não estava tão à deriva assim no quesito edição de vídeos eu sabia onde estava pisando, logo a minha insegurança se desvaneceu e deu lugar a vontade de fazer.

Olhando para trás, agora, percebo que esses momentos de ócio criativo são muito importantes. **O ócio é um aliado no processo criativo. Tentar não sentir culpa enquanto você está ocupado vivendo, faz com que você consiga melhorar o seu processo criativo.**

Liv: A “improdutividade” em sair para dar uma volta, às vezes, é mais eficaz do que se ocupar com tarefas como lavar a louça. Sério.

Giovanna: É isso que eu estava falando com **viver para escrever**, ou viver para viver, já dizia Morin (2012, p.155): “Que significa viver para viver? Viver para gozar da plenitude da vida. Viver para realizar-se. A felicidade constitui, certamente, a plenitude da vida”.

Concluo, portanto, que viver o processo está além de produzir, produzir, produzir. O distanciamento total não só é bem vindo, como absolutamente necessário para o respiro do trabalho e o respiro do artista.



a ressurreição

Porém como toda boa história, o inimigo retorna para a sua vingança. Ele é implacável, ele está com o ego ferido. Ele fora derrotado uma vez, porém não será novamente. Ele retorna mais forte, mais implacável, mais obscuro. Um editor de vídeo qualquer passa a não significar nada, e este toma forma do temido Adobe Premiere Pro.

Achei que a volta ao lar seria tranquila, como muitas. O encontro com meu computador seria tão banal (ou mais) quanto qualquer outro de nossos encontros. Porém não foi isso que aconteceu. Sorrateiramente, numa agradável noite de sábado, fui seduzida pela curiosidade de aprender. Pretendia ficar menos de meia hora para aprender a mexer nos comandos básicos do Adobe Premiere. Não pretendia perder mais tempo do que isto naquela noite.

Fui caindo em sua armadilha. Fui envolta por sua complexa teia de dificuldades, de comandos não óbvios, não instintivos. O que antes era apenas falta de conhecimento, agora parecia um teste de caráter. Se eu seria capaz de jogar o computador pela janela com o risco de acertar transeuntes nas ruas ou me sairia vitoriosa daquela guerra fria silenciosa, que se desenrolava na calada da noite.

Passaram-se minutos que viraram horas e que viraram dias de nossa batalha. Eu vencia algumas, perdia várias. Conseguia escutar ao fundo risos de malícia das minhas vãs tentativas de lutar contra o melindroso aplicativo.

Muitas vezes eu perdi, mas todas eu me reergui, mais forte do que a anterior.

Até que um dia, na inocência do meu desconhecimento, abri o aplicativo com uma mensagem estranha e achei que ele estaria apenas me enganando com um de seus truques mais uma vez. Fechei-a sem conferir. Quando me dei conta, mais da metade do meu áudio havia sumido completamente. Desaparecido das faixas e sumido do projeto. Fui obrigada a mais uma vez me render ao aplicativo e reorganizar tudo o que havia sido perdido. Quando voltaram, os áudios pareciam diferentes. O isolamento os mudara.

Companheiras, isso me desestimulou. Nesse dia, fechei o computador e me encaminhei para o quarto para chorar. Escrevi pergaminhos e mais pergaminhos para minha mentora anunciando minha desistência, mas a vergonha mais uma vez me impediu de enviá-los. Eu falhei. Ele ganhara. Não tinha mais forças para nada além de dormir.

De fato, eu dormi. A exaustão tomou conta do meu corpo naquela tarde e sucumbi a ela. Era como se eu tivesse morrido. Adeus Giovanna, a Cavaleira das Mil e uma Letras.

Mas, como bem podem ver, não morri. Tomei um banho, lavei os pensamentos

e retornei ao meu computador. Analisei cada um dos áudios e abri o olhar para perceber que apesar de distintos, os áudios permaneciam igualmente belos e potentes. Reuni bravura não sei de onde e em um rompante de criatividade compreendi a mudança, aceitei, e ressignifiquei. Com isso, fizemos um bom trabalho juntos, para a surpresa de meu adversário que havia se desprevenido nas horinhas de ausência.

Enfim, o inimigo fora derrotado. A edição fora concluída com êxito e orgulho, deixando para trás somente a lembrança, suor e lágrimas.



Esse foi um momento realmente tenso da edição com o Adobe Premiere Pro. Apesar de completo, o aplicativo é mil vezes menos intuitivo que os outros, fazendo com que comandos simples como cortar e colocar efeitos de transição tivessem que ser pesquisados com constância em vídeos tutoriais.

A experiência com o Adobe Premiere foi... interessante, para dizer o mínimo. Foi o momento em que mais efetivamente fiz o corta e cola de todo o material que eu tinha à disposição, em que eu iniciei fazendo uma pré seleção das gravações, primeiro avaliando as que estavam boas ou não (em questão de qualidade de imagem).

Depois separei as imagens entre aquelas que eu já imaginava em que parte do texto eu iria utilizá-las (como o caso do céu azul citado anteriormente) e as que eu sabia que iria usar, mas não sabia onde (como a cena das gaivotas voando, no meio para o final do vídeo). Já o restante das imagens ficaram estacionadas, esperando o momento certo de se fazerem úteis.

Apesar de ter uma certa ideia no sentido de passo a passo e ter construído um sólido cronograma de tarefas, este momento da edição foi caótico e bom, pois tudo acontecia simultaneamente. Não houve um momento em que eu lidava só com a trilha ou só com as imagens. Era mais uma questão de necessidade e intuição, difícil de explicar em processos de criação.

Comentário da Liv: Como explicar o caos em um processo criativo, hein? Hmm... esta é uma tarefa difícil... Digamos que é como brincar de cientista: nem sempre a gente sabe qual é o resultado final, o que importa é a explosão!

Não o trocava por absolutamente nada, pois de longe este foi o editor mais completo que utilizei em todo o processo criativo. Foi o que me possibilitou realmente *brincar* com a edição e enxergar *potência criadora* nela. Mas, em resumo, gosto da definição que Salles dá para esse momento, intitulado de “Caos ao Cosmos”. Sobre isso, ela diz que este é

Um acúmulo de idéias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização. (SALLES, 1998, p.33)

Apesar de parecer uma grande brincadeira toda essa jornada épica que vim narrando até agora, essa última parte, de longe, foi a que mais se aproximou da realidade. Eu me sentia em uma batalha, dia após dia. Levantei suada da cadeira várias vezes, com dores no corpo como quem tinha apanhado por horas seguidas. Esqueci de comer, de ir dormir, de me alongar... foi um momento bem complicado, apesar de potente para mim.

Penso agora que toda essa potência é imbuída de uma prática que já havia refletido sobre (e estava no meu projeto de tcc), mas esqueci com o turbilhão de informações e aprendizados que ocorreram nos últimos acontecimentos. **Estabelecer um clima ritualístico** (SALLES, 1998, p.60) dentro do processo criativo - ainda que tenha ocorrido “sem querer” e talvez isso tenha sido ainda mais potencializador - foi a estratégia que me fez produzir com maior afinco e ter realmente *prazer* em cada uma das partes do processo. Inclusive nesta última que de longe foi a mais trabalhosa.

Becker, em seu livro “Truques da escrita” descreve uma dinâmica que realizou com estudantes de pós-graduação. Ele lhes pergunta algo simples: “como você escreve?” e diz que

[...] não estava interessado em nenhuma linda história sobre a preparação acadêmica, e sim nos detalhes que realmente interessam: se ela datilografava ou escrevia a mão, se usava algum tipo especial de papel ou trabalhava em alguma hora específica do dia. [...] (BECKER, 2015, p. 14)

Parece que vou desvirtuar o assunto, mas esse exercício foi proposto pela minha orientadora logo no início da escrita do projeto, e agora convido você a experimentá-lo também: como você escreve?

Durante o processo criativo, esqueci de mim mesma muitas vezes, inclusive na parte em que estamos descrevendo agora. Porém, nesse momento, houve uma reconexão com essa parte ritualística no processo de escrita (e edição, claro). O fato de eu sentar, todos os dias, a noite e completamente sozinha com uma taça de vinho na mesa, por mais presunçoso que isso possa parecer, me fez produzir intensivamente como em nenhuma outra parte do processo.

Atribuo 100% a produção aos meus pequenos rituais, e descobri que esta era uma estratégia muito potente: a de ritualizar minha rotina. Fazer dela um momento importante e crucial no meu dia, além de extremamente prazeroso. Eu poderia simplesmente sentar qualquer hora do dia para realizar a edição, mas o fato de fazer isso com todos os pormenores, fazia com que a tarefa ficasse excitante. Com que eu esperasse por esse momento todos os dias, desde o momento que eu acordava.

Não estou tentando, de forma alguma, romantizar o que foram esses 10 dias de edição (sim, foram 10 dias e eu coloco no mesmo peso de dificuldade e empenho dos últimos dois meses do processo criativo, como já falei anteriormente) muito porque foram dias extremamente sofridos. Eu mergulhei de cabeça nessa única atividade, me privando de fazer outras coisas que talvez fossem importantes para mim e para a minha saúde mental, mas a verdade é que na hora isso era completamente irrelevante. Eu estava absorta em um único propósito, que era o vídeo.

Não vou negar: sentia um pouco de prazer em ver as coisas se desenrolarem na minha frente. Em ver alguma parte do vídeo que era somente uma tela em preto com a fala desconexa se tornar uma sequência de imagens e trilha com história, significado e carregado de tanta emoção para mim.

Mas... será que valeu o preço?

Será que valeu eu me desconectar de mim tão fortemente a esse ponto de não me lembrar de coisas básicas como comer e dormir? Esses 10 dias valeram as dores nas costas, a luva ortopédica ou eu ter ficado doente depois? Não sei.

No fim, isso fez sim parte do processo. Fez parte do aprendizado, como um todo. Acredito que aconteceu assim porque tinha que acontecer. Eu não poderia

expandir o tempo, tampouco comprimi-lo, então foi assim que aconteceu. Neste momento, não tenho dicas a dar. Não tenho conselhos. Não tenho juízo de valor. Só foi o que foi. Esse é um fato.



o retorno com o elixir

Após tantos dias de trabalho duro, entrei em estado de completa paralisação. Não queria mais olhar para o que tinha feito e ignorava tudo o que tinha a ver com minha obra já pronta. Enviei, a contragosto, o resultado finalizado para camaradas parceiras de vida, que prometeram-me avaliar o trabalho assim que possível.

Passaram-se alguns dias e, apesar do retorno positivo, percebi que a vontade de falar pairava no ar, como quem espreita uma possibilidade de dizer e não diz. Apesar de insistir para que a sinceridade prevalecesse, entendi que há certos limites na camaradagem que, naquele momento, aceitei de bom grado.

Mais alguns dias se passaram, e a busca incessante de retornar para dentro de mim, de minhas convicções e rotinas acontecia de pouco em pouco. Lentamente voltei a comer, a ver o mundo, a falar com aqueles que eram queridos para mim. Com essa desculpa, fui ignorando de levinho a existência do vídeo finalizado, deixando-o de escanteio como quem coloca uma criança de castigo. Fui fingindo me esquecer, até o momento que não pude encobrir mais.

Dia 20 de Dezembro chegara e a postagem do vídeo iria acontecer comigo querendo ou não. Passei o dia com dores de barriga, dores de cabeça, dor de cotovelo... qualquer dor que eu pudesse encontrar, eu me esbarrava nela. As horas não corriam, elas faziam maratona! Exceto pelos últimos trinta minutos que se arrastaram cansados até as 18h, que seria a hora de liberar minha criação ao mundo.

Postei o material e de novo fingi esquecer (estava ficando boa nisso). Me afastei do computador e do celular e jurei que não era comigo. Não olhei as notificações e fugi de qualquer comentário que passasse perto de se manifestar.

Algumas horas depois, a valentia chegou devagarinho e decidi que da mesma forma que arranquei alguns curativos aqui e ali, era o momento de arrancar o último: de encarar de frente as possíveis críticas, os disse me disse e tudo mais que viesse dos resultados que eu havia trabalhado tão arduamente nos últimos dias. Neste momento olhei para o lado e não via mais meus aliados. Hades estava em qualquer lugar que não comigo e o vazio tomou conta do tempo e do espaço, me deixando frente a frente com tudo o que me restava.

Surpreendentemente vi comentários gentis. Mensagens alegres, pessoas vibrando, compartilhamentos acontecendo. Alguns falaram comigo no particular, outros expressaram publicamente, porém a todos aqueles que arranjaram um tempinho para visualizar meu invento, tem minha gratidão.

Se me perguntassem agora quantas pessoas assistiram, o número de curtidas ou que comentário foi o mais relevante... aventureiras, preciso ser honesta... não tenho a menor ideia. Não porque deixe de valorizar cada um deles, mas o fato é que

reconhecimento não se mede, especialmente autoreconhecimento.

Quando olho para trás dessa montanha russa que entrei, de longe o trajeto mais gostoso foi esse: o momento final da brincadeira, em que o carrinho se aproxima da hora de parar e você só aproveita o que restou de todos os altos e baixos, com uma bela história para contar do momento em que você estava no ponto mais alto de todos. Quando a vista era bonita, fresca e cheia de segundos intermináveis.



Quando acabei o vídeo, mandei para algumas pessoas próximas uma prévia para que me retornassem alguns feedbacks. É o que Salles denomina como “leitores particulares” e, sobre isso, diz:

Não se pode deixar de mencionar as leituras particulares que fazem parte de muitos processos criadores. Algumas pessoas são escolhidas pelo artista para terem esse tipo de acesso preliminar às obras, recém-terminadas ou ainda em processo. Essa relação entre o artista e o leitor particular [...] envolve confiança e respeito. (SALLES, 1998, p.44)

Pessoalmente tenho grande apreço por esse momento de compartilhamento com meus amados leitores particulares (nesse caso espectadores, né?) pois novos pontos de vista me são sempre bem vindos. Não tenho tanto apego às minhas criações a ponto de querer mantê-las só para mim. Além disso, já estava tão distanciada de minha própria obra que ficava difícil fazer uma análise do todo. Descrevi assim, em meus diários de atriz:

20 de novembro de 2021

Sábado

“Eu fico me perguntando se antes de finalizar ele eu não vou ter que mandar para algumas pessoas antes para ver o que elas acham da “vibe”, ou se eu só coloco o vídeo no mundo e recebo os resultados que vierem. Eu sinto que nessa fase que eu to, eu já não consigo mais avaliar (de verdade) o que estará compreensível para as pessoas, porque eu já estou ouvindo e vendo o vídeo e o processo muitas vezes. Muitas das coisas que eu fiz agora eu já não penso mais no significado do texto e etc. É um momento muito mais técnico mesmo. Colar, recortar, editar, sintetizar,

coordenar, puxa pra um lado, puxa pra outro... colocando em palavras chulas... meio que nesse momento a “poesia” existe muito pouco. Eu vejo a correlação de imagem, texto e trilha, mas uma vez que eu correlaciono as coisas, fica muito mais crua a minha relação com esses elementos e coisas como o *timing* de onde entra uma coisa e começa outra acaba prevalecendo acima da poesia geral.”

Ainda assim, este foi um momento interessante pois senti - ainda que não possa ter certeza absoluta da veracidade do que vou dizer agora - que o retorno que tive foi mais centrado em elogios e congratulações pelo esforço do que propriamente a assuntos relacionados a mudanças e alterações. Houveram sim, claro, algumas poucas pessoas que me sugeriram uma coisinha ou outra, mas sempre agregada de um comentário positivo como “mas não precisa, se não quiser! Tá óooootimo desse jeito” (com vários “ós” para enfatizar).

Me perguntei algumas vezes do porquê disso e, refletindo, cheguei a uma percepção: as pessoas tinham certas ressalvas em criticar algo por um possível medo de opinar em algo que viesse a me ofender. Pois a natureza do ensaio é mais íntima, de fato. *Nos teus caracóis lilás* trata de relações claramente pessoais e, ousou dizer, até melancólicas, e em certo ponto até abusivas - de acordo com alguns retornos que tive, e concordo com eles. Então, atribuí a reserva de alguns ao fato do vídeo ser muito pessoal, e tratar de uma relação íntima comigo mesma. Dito isso, os espectadores não se sentiram confortáveis ao opinar sobre algo que elas não vivenciaram. Mas, como disse, não posso ter certeza absoluta de nada. Já dizia Legião Urbana: “não sou mais tão criança a ponto de saber tudo”.²¹

Depois disso era só fazer mais alguns ajustes como adicionar legendas e tratar a imagem e o trabalho estaria pronto.

No dia do compartilhamento eu não vivi. Ou melhor, vivi só para esse momento, com a expectativa de que ele demorasse o dobro para chegar, e, no entanto, contra a minha vontade, chegou como um vendaval incontrolável.

Quando me dei conta, faltava pouco mais de meia hora para postar o vídeo e eu não tinha me preparado nem física nem psicologicamente, mas o relógio anunciando a postagem estava lá: girando desde o dia anterior junto com meu estômago que se revirava impaciente.

²¹ Trecho da música “Quase sem querer”

Procurei me acalmar nesses últimos momentos. Procurei, procurei mas não encontrei a paz interior, então só dei as mãos para o surto coletivo que eu estava vivendo: eu e as vozes da minha cabeça. A insegurança berrava de um lado para o outro desesperada, a expectativa estava quieta num canto e o pânico estava abanando o medo que já havia desmaiado no chão. Mas, se você olhasse para mim, diria que eu estava pleníssima, com um semblante de tédio até. Mas, eu sei - e só eu sei - o quanto a última meia hora antes do vídeo estar nas redes sociais foi *torturante*.

Enfim, chegara a hora.

Sabe aquela expressão “postei e sai correndo”. Nunca essa frase foi tão literal como naquele momento. Eu coloquei o vídeo no mundo, fechei o computador e fui (sei lá, nem lembro) tomar um café (?). Demorei quase dez minutos para fazer a divulgação para grupos e familiares e me fiz de sonsa. Fingi que esqueci e fui viver a minha vida.

Depois de ser tão dissimulada quanto os olhos de Capitu²², fui dar uma espiadinha no que as pessoas estavam comentando, daí a preocupação foi outra. Será que tinha comentários? E se eu abrisse as redes sociais e ninguém tivesse visto? Ou pior: e se viram e acharam tudo uma grande porcaria? E se eu postei o vídeo errado? E se eu postei o vídeo certo mas na versão errada? E se... e se... e se...

Aventureiras, como já disse antes... tudo deu certo. Não morri e nem permaneci vivendo. Depois do acontecido, passei apenas a existir. Compreendendo, finalmente, como é a sensação de ser a heroína de dois mundos.²³



²² Referência a citação presente no livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis (2019, p.46) “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada”

²³ De acordo com o *Herói de Mil Faces* de Campbell (1949 p.124), este seria o momento que ocorreria no momento da ressurreição em que “Os dois mundos, divino e humano, só podem ser descritos como distintos entre si diferentes como a vida e a morte, o dia e a noite. As aventuras do herói se passam fora da terra nossa conhecida, na região das trevas; ali ele completa sua jornada, ou apenas se perde para nós, aprisionado ou em perigo; e seu retorno é descrito como uma volta do além”. Ou seja, o momento em que a protagonista se torna o herói de dois mundos é quando ela não é mais a mesma pessoa que era quando a história se iniciou, tampouco converteu-se totalmente ao que Campbell refere-se como “divino”. Está no meio termo.

Pois bem, minhas caras... a história agora se encaminha para o fim. Para nossa despedida solene. Sou grata a você, que acompanhou até aqui minhas tolas palavras de aventureira. O que posso te dizer, se não meus mais sinceros agradecimentos?

O final é feliz. Completei minha trajetória com aprendizados. Não posso dizer que voltei ao início de onde eu comecei, embora fisicamente eu permaneça sentada em minha cadeira com meu escudeiro Hades. Me sinto uma pessoa diferente. Mais sábia, mais serena, mais criativa.

Sinto que sou ser de mil e uma possibilidades. Que se deslocou da zona de conforto mesmo sabendo dos desafios que estariam por vir. Que compreendia seus bichos papões antes mesmo deles criarem nome e sobrenome e, mesmo assim, foi atrás.

O que você tira disso então, nobre aventureira?

Utilizo das palavras de Morin, as minhas para exemplificar, para mim, o que foi a criação deste meu universo particular:

[...] um acontecimento inenarrável, do qual jorraram luz, matéria, corpo, espaço, movimento, é arrastado numa aventura fabulosa de criação e destruição; sem parar, apagam-se ou explodem sóis, congelam-se planetas; sem parar, reúnem-se fragmentos e poeira de astros mortos, em espiral sobre eles próprios para gerar novos sóis e novas galáxias. (MORIN, 2012, p. 26)

Espero, sinceramente, que estas palavras o inspirem para criar suas próprias galáxias. Aguardo ansiosamente por elas.

Comentário da Liv: Tchau aventureira! Até a próxima!



E DEPOIS QUE NÃO HÁ MAIS NADA A DIZER...

Bom, este é o momento que me despeço, realmente daquelas que puderam tirar um momentinho de suas vidas para me acompanhar nessa incrível jornada. Agradeço, em primeiro lugar, a generosidade daquelas que chegaram até aqui sem se perder no caminho. E, para aquelas que se perderam... que coisa boa! Para onde foram? Escreva sobre isso. Se der, tenta me achar pela vida e me conta um pouquinho mais.

Tá, mas não era sobre isso este finalzinho. Esse é o momento de eu fazer um apanhado geral de toda essa loucura que eu trilhei. Vamos lá.

Narro essa experiência com muito gosto pois encontrei contentamento até nos momentos doloridos (e, de fato, foram muitos). Porém os compreendo e abraço como um processo cheio de aprendizados, altos e baixos, reviravoltas e, principalmente, descobertas. Ah... que doce foram as descobertas!

Descobri que **fazer “qualquer coisa” era melhor do que não fazer nada** e que isso anda de mãos dadas com **o ócio ser um aliado no processo criativo**. Que **realizar pequenas tarefas aparentemente desconexas** (sejam elas relacionadas diretamente ao processo criativo ou não) **podem ajudar a te tirar de um bloqueio criativo**.

Também aprendi que ajuda, e muito, quando você primeiro **imprime o roteiro da dramaturgia** e depois se propõe a criar um ambiente que **estabeleça um clima ritualístico**, por mais místico e improvável que possa soar para algumas, de fato funciona. Fazer daquele momento importante - sagrado mesmo - vai te fazer ter anseio, todos os dias, para entrar em contato com o trabalho de novo, dia após dia. Me fez desejar todos os dias, desde o momento que eu tomava café até a hora de ir dormir, que acabava chegando rápido demais. Mas, ajuda **ter claro, o tempo todo, sobre que tipo de linguagem quer se trabalhar**. Focar nos poucos sorvetes pode colaborar!

E que, mesmo quando o seu cérebro congelar de tanto pensar e quando os problemas baterem à porta (porque eles irão bater, com certeza), não se esqueça que **aproveitar cada momento como uma oportunidade e improvisar com o que se tem** é muito importante!²⁴

²⁴ É muito recompensador, porque você se sente a pessoa mais inteligente do mundo fazendo limonada com os poucos limões que a vida te oferece.

Registre. Faça diários, pergaminhos, códigos estranhos. Faça vídeos, grave áudios. Escreva. Escreva nos cadernos (em vários ou em um só), escreva no computador, nas mãos, no corpo todo, se precisar. Tire fotos, cante músicas. O registro faz com que você tenha um acompanhamento de toda a sua aventura. Dos passos que se esvaem nas dunas do esquecimento.

E não registre só para si. Fale com amigos, chore com familiares, abrace seu gato, despeje tudo em confidentes, arruma uma orientadora, um guia espiritual, um terapeuta! **Despeje uma enxurrada de ideias aparentemente desconexas para pelo menos tirar tudo que é realmente dispensável da cabeça.** Faça de tudo para que as pessoas vivam este processo com você, que elas possam te dar uma sacudida de vez em quando e te colocar de volta nos eixos.

Ou te tirar deles de vez, porque é sempre melhor um novo ponto de vista.

Mas, se ainda assim, você, aventureira, quiser abandonar todas as dicas anteriores e não seguir nada, apenas faça uma coisa: **viva.** Viva cada passo do processo, os bons e ruins. Faça como Thoreau e vá para os bosques viver de livre vontade. Para sugar todo o tutano da vida. Para aniquilar tudo o que não é vida e para quando morrer, não descobrir que não viveu²⁵. Veja bem, passei grande parte do processo “parada”, apenas absorvendo o meu redor da maneira que achava mais pertinente. Entendi que acima de tudo eu preciso **viver para criar**, e isso virou um mantra para mim. Que eu não terei o que criar, se eu não viver coisas para falar sobre. Percebo a enorme importância disso não só no vídeo como agora, na escrita do trabalho final.

Estou apenas me demorando nas despedidas, mas vejo que tudo tem um fim. Chegou o momento de dizer adeus. Liv, quer dizer mais alguma coisa?

Liv: Eu acho que vi um gato verde.

Giovanna: CADÊ?

²⁵ Frase retirada do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, em referência a Henry David Thoreau.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2. ed– Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BAUM, Frank. L. **O Mágico de OZ**. Trad. Sérgio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKER, Howard. **Truques da escrita**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BRESLAND, John. “On the Origin of the Video Essay”. **Essayists in the Essay: Montaigne to Our Time**, editado por KLAUS, Carl H. e STUCKEY-FRENCH, Ned. University of Iowa Press; 1ª edição, mar. de 2012, p. 181-185.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 1949.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

COLLA, A. C. **Da minha janela vejo...** relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no Lume. 1. ed. São Paulo: Hucitec e FAPESP, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2014

DUBATTI, Jorge. Experiência Teatral, Experiência Tecnovivial: nem Identidade, nem Campeonato, nem Superação Evolucionista, nem Destruição, nem Vínculos Simétricos. Trad: Victor Lavarda de Freitas. **Rebento**, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 255-269, jan. - jun. 2021.

_____. Convivio y tecnovivio: el teatro entre infancia y babelismo. **Revista Colombiana de las Artes Escénicas**, vol. 9, p. 44-54, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLANDA, George Rocha. **A autodireção como experiência criativa do ator**. 2019. 144f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

ISAACSSON, Marta. O desafio de pesquisar o processo de criador do ator. **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**, editado por CARREIRA, André; CABRAL, Biange; RAMOS, Luiz Fernando e FARIAS, Sérgio Coelho, 7 letras; 1ª edição, mar. de 2006, p. 82-88.

LORENZONI, Cândice Moura. **Ser artista professor**: tramas, imaginários e poéticas em jogo nos espaços de atuação-formação. 2018. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Trad. Juremir Machado da Silva. 5ª edição - Porto Alegre: Sulina, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SNICKET, Lemony. **Mau começo** / Lemony Snicket ; ilustrações de Brett Helquist; tradução de Carlos Sussekind. — São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

SOCIEDADE dos Poetas Mortos. Direção de Peter Weir. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 1989. (128 min.).

VERSIGNASSI, Alexandre. O que é o Gato de Schrödinger?. **Superinteressante**, 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-gato-de-schrodinger/>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

VOGLER, Christopher 2.ed. **A jornada do escritor : estruturas míticas para escritores**. Trad. Ana Maria Machado. - 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.